



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MICHELLE XIAO XU YAN CHEN

**A TEORIA ZHONG YONG E A CULTURA ORIENTAL:
UMA ANÁLISE EM NARRATIVAS ALEGÓRICAS DA LITERATURA
BRASILEIRA**

São Carlos

2026

MICHELE XIAO XU YAN CHEN

**A TEORIA ZHONG YONG E A CULTURA ORIENTAL:
UMA ANÁLISE EM NARRATIVAS ALEGÓRICAS DA LITERATURA
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência para
obtenção de título de Licenciada em
Pedagogia, na Universidade Federal de
São Carlos – UFSCar, sob orientação da
Profª Drª Maria Iolanda Monteiro.

São Carlos

2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, 陈超芬 (Chen) e 颜建锡 (Yan) que continuam lutando todos os dias para que eu e minhas irmãs possamos estudar e alcançar um dos ciclos mais importantes de nossas vidas. Em especial, à minha mãe, que sempre acreditou no poder da educação e me incentivou a ir além. Com amor, ela buscou me proporcionar oportunidades que não teve, seu esforço e apoio constante foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, à professora Maria Iolanda, por ter aceitado ser minha orientadora. Mesmo diante de um tema que, inicialmente, ainda estava em construção e cheio de incertezas, você acreditou em mim e no potencial deste trabalho. Sua confiança, incentivo e orientação foram fundamentais para mim.

Agradeço à minha mãe, 陈超芬 (Chen) e meu pai 颜建锡 (Yan), por todo o amor, apoio e incentivo ao longo da minha trajetória.

Agradeço às minhas irmãs, Milena e Aline, por ouvirem os meus desabafos de cada dificuldade que enfrentei.

Agradeço às minhas amigas preciosas que a Pedagogia me proporcionou: Carolaine, Janinie, Laura e Teresa. Sou grata pelo companheirismo, pelos abraços, pelas risadas e por todo o apoio que me ofereceram.

Agradeço às minhas melhores amigas, Danielly Avelan e Thainá Biesek, os maiores tesouros que encontrei na Pedagogia. Vocês foram minha fonte de energia em todos os momentos, obrigada por dividirem comigo as brincadeiras, as conquistas, as alegrias e as inseguranças. Vocês são mulheres que me inspiram.

Agradeço às minhas melhores amigas de longa data, Luiza Grassia, Luana de Souza e Giulia Cordeiro. O carinho e a preocupação de vocês me lembram da importância de ter amigos tão especiais ao meu lado. Obrigada por permanecerem presentes mesmo diante das mudanças, da distância e dos compromissos da vida adulta.

Agradeço ao meu melhor amigo José Everson, é uma amizade extremamente especial para mim. Obrigada por acolher meus desabafos, pelo apoio incondicional e pelas palavras de incentivo. A sua presença faz toda diferença.

Agradeço às minhas amigas que conheci no CAU, Lara, Amanda e Bianca. Ter dividido cada segundo com vocês foi um privilégio. Obrigada por transformarem momentos simples em memórias inesquecíveis.

Agradeço às professoras Julia e Lucimara por gentilmente aceitarem o convite para compor a banca avaliadora.

Gratidão imensa, pessoal!

RESUMO

Este estudo analisa a presença de características da Teoria Zhong Yong, também conhecida como Doutrina do Meio ou Caminho do Meio, em narrativas alegóricas da literatura brasileira, estabelecendo relações entre cultura, literatura e educação. Parte-se da compreensão de que fábulas e parábolas constituem importantes instrumentos pedagógicos para a transmissão de valores, culturas e formas de compreender a vida em sociedade. A pesquisa teve como objetivo descrever como a Teoria Zhong Yong, uma filosofia oriental, é apresentada nessas narrativas, bem como compará-la com valores associados à cultura ocidental e analisar seu potencial didático e formativo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em revisão bibliográfica que contemplou estudos sobre o conceito de cultura, as características das culturas oriental e ocidental, as características da Teoria Zhong Yong e o papel das narrativas alegóricas, especialmente das fábulas e parábolas, como instrumentos culturais e educacionais. A partir do referencial teórico, foram definidas sete categorias de análise: relações sociais harmoniosas, valorização da aprendizagem ao longo das gerações, construção das virtudes, busca pelo bem social coletivo, coibição dos exageros, hierarquia e papéis definidos, e defesa de relações complementares e não polares. Foram analisadas seis fábulas com valores orientais e três com valores ocidentais. Os resultados evidenciam que as narrativas que refletem valores orientais apresentam, de forma recorrente, elementos relacionados ao equilíbrio, à sabedoria, à coletividade, à moderação e à aprendizagem construída nas relações entre mestre e discípulo, enquanto as narrativas ocidentais analisadas privilegiam perspectivas fundamentadas na competição, no individualismo e na lógica da sobrevivência do mais forte. Conclui-se que as narrativas alegóricas constituem importantes meios culturais e educacionais de transmissão de valores e concepções de mundo, influenciando a formação moral e social dos sujeitos. Além disso, a pesquisa contribui para ampliar o potencial pedagógico das narrativas alegóricas como instrumentos de reflexão crítica e de educação entre culturas.

Palavras-chave: Teoria Zhong Yong; cultura oriental; cultura ocidental; fábulas; parábolas; narrativas alegóricas; literatura; educação.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Lista final das publicações acadêmicas em relação ao objeto de pesquisa.....	29
Quadro 2 — Elementos da Teoria Zhong Yong.....	42

LISTA DE TABELA

Tabela 1 — Total de trabalhos acadêmicos a partir dos descritores utilizados.....	28
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Características da Cultura Oriental e Ocidental.....	12
2.2 A Teoria Zhong Yong (Doutrina do Meio ou Caminho do Meio)	15
2.3 Narrativas alegóricas: um meio cultural e educacional	17
2.4 BNCC: A diversidade cultural e a representatividade de grupos étnicos-raciais .	23
3. METODOLOGIA.....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4.1 Fábulas com valores da cultura oriental.....	31
4.1.1 Fábula 1: Viver como as flores	31
4.1.2 Fábula 2: Parábola do velho lenhador	32
4.1.3 Fábula 3: O velho da fronteira perdeu seu cavalo.....	33
4.1.4 Fábula 4: Fábula chinesa da xícara cheia	34
4.1.5 Fábula 5: A vaquinha do precipício	35
4.1.6 Fábula 6: O velho louco que removeu as montanhas.....	37
4.2 Fábulas com valores da cultura ocidental	38
4.2.1 Fábula 1: A fábula das duas tribos	38
4.2.2 Fábula 2: A Raposa e as Uvas	40
4.2.3 Fábula 3: Fábula a cigarra e a formiga.....	41
4.3 Síntese dos resultados	42
5. CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXO.....	55
ANEXO A – Prefácio da fábula “Apenas uma canoa nas noites de verão”	55

1. INTRODUÇÃO

Durante a graduação, participei de uma disciplina optativa chamada de “Literatura infantil e a criança no contexto da alfabetização e do letramento”, na qual tive a oportunidade de conhecer e estudar diferentes gêneros textuais. Entre as atividades desenvolvidas nessa disciplina, realizei leituras e junto a turma fizemos apresentações voltadas à introdução desses gêneros, possibilitando maior aproximação com suas características e funções. Dentre os gêneros discutidos, aqueles que traziam lições de moral, tais como as fábulas, parábolas ou contos despertaram em mim um interesse particular, especialmente pela forma como suas narrativas carregam valores, ensinamentos, visões de mundo e apresentam aspectos culturais de diferentes lugares. Compreendendo que esses elementos possibilitam que os ouvintes e leitores(as) entrem em contato com diferentes formas de pensar, agir, entender o mundo e conhecer diversas características culturais.

Junto a isso, despertou em mim o desejo de me aprofundar na minha cultura. Meu interesse de pesquisa era abordar algum elemento cultural que também fizesse parte da minha identidade, a cultura chinesa. Diante disso, iniciei a busca por características desta cultura. Inicialmente, me interessei pela cultura e representatividade asiática na literatura brasileira, porém, me deparei com a escassez de estudos sobre o tema. Foi justamente nas poucas pesquisas encontradas que conheci a Teoria Zhong Yong (Caminho do meio), uma filosofia oriental fundamentada em valores como equilíbrio e harmonia que também transmite ensinamentos.

Assim, surgiu a motivação para compreender de que maneira as características da Teoria Zhong Yong (Caminho do meio) podem ser identificadas em narrativas alegóricas presentes na literatura brasileira, estabelecendo relações entre educação, cultura e literatura. Além disso, consta nesta pesquisa uma breve apresentação sobre o documento Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), sendo este um instrumento que orienta as práticas pedagógicas. Aqui será abordado de que maneira o documento integra a diversidade cultural e a representatividade de grupos étnico-raciais.

Com base nessas reflexões, desenvolvo a minha pesquisa com o objetivo geral de descrever como a Teoria Zhong Yong, enquanto filosofia que reflete os valores orientais, é apresentada em narrativas alegóricas da literatura brasileira.

A partir do objetivo geral, foram derivados os objetivos específicos:

- Selecionar as principais características da Teoria Zhong Yong a fim de identificá-las em narrativas alegóricas analisadas;
- Comparar narrativas alegóricas da literatura brasileira com características das culturas orientais e ocidentais;
- Analisar se as narrativas alegóricas são meios didáticos e pedagógicos de compreender a vida em sociedade.

As narrativas alegóricas são textos utilizados para conduzir ensinamentos por meio de histórias simbólicas, metafóricas, a fim de transmitir ideias de modo pedagógico. Elas geralmente são apresentadas por meio de fábulas e parábolas, ou seja, gêneros literários que estão presentes na educação e na literatura. Esses textos de caráter didático refletem aspectos culturais, ideológicos e sociais das sociedades em que foram produzidas, funcionando como meios de transmissão de aprendizagens, valores e modos de pensar (Dolz; Lima; Zani, 2020; Pinto, 2007; Vitória; Emmendoerfer, 2024).

Para esta pesquisa, as narrativas alegóricas serão investigadas a partir de fábulas e parábolas. Embora possam ser consideradas, em um primeiro momento, sinônimas, na categorização literária elas não são, uma vez que, por exemplo, as fábulas costumam apresentar na narrativa personagens imaginários enquanto as parábolas retratam pessoas em situações cotidianas. Entretanto, apesar dessas diferenças, ambos os gêneros compartilham a finalidade de transmitir ensinamentos de forma não literal e, por conseguinte, são instrumentos de reflexão e construção de valores na sociedade (Arantes, 2006). De modo a facilitar, neste estudo, o termo fábula será utilizado como sinônimo de parábola.

Na perspectiva de cumprir uma função social de natureza comunicativa, confirmamos a caracterização tradicional dada pela comunidade discursiva de que os gêneros apólogo, fábula e parábola como textos são de caráter filosófico, didático e doutrinário geralmente usados para ensinar valores morais (portanto com um fim educativo), seja em discursos religiosos, (principalmente as parábolas), em discursos didáticos (as fábulas e os apólogos). Mas, em nossos estudos, verificamos que esses textos cumprem mais que essas funções tradicionalmente estabelecidas, eles têm, como uma função principal, a *argumentação*, pois ao serem usados em situações específicas, o locutor quer ir muito além do ensinar, ele quer mudar ou estabelecer o comportamento do seu interlocutor [...] Quanto às técnicas argumentativas, observamos que os três gêneros são construídos com base na estrutura do real, estabelecendo com o exterior uma analogia com as virtudes e com o caráter do ser humano (Arantes, 2006, p.123-124).

Esses gêneros literários, muitas vezes utilizadas como instrumentos para incentivar a leitura, oralidade, interpretação textual e desenvolvimento moral, ultrapassam a função de simples narrativas, pois também refletem valores, crenças, formas de organização social e modos de compreender o comportamento humano presentes nas sociedades em que foram produzidas (Faria, 2023). Neste sentido, a presente pesquisa justifica-se pela relevância das narrativas alegóricas no contexto educacional, uma vez que ela está presente nos processos de ensino e aprendizagem da Educação Básica.

Além disso, este estudo pode contribuir para ampliar as discussões sobre o papel pedagógico dessas narrativas literárias na formação dos sujeitos. As fábulas e as parábolas analisadas trazem muitos valores. Dessa forma, compreender quais concepções culturais orientais e ocidentais estão presentes nessas histórias permite refletir como a literatura utilizada em contextos educacionais pode influenciar determinados modos de pensar e agir socialmente, participando diretamente da formação cultural e moral dos(as) estudantes.

A metodologia adotada é caracterizada como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Foram selecionadas, por amostragem intencional, narrativas alegóricas da literatura brasileira para análise à luz das categorias elaboradas a partir da Teoria Zhong Yong, possibilitando identificar e comparar valores associados às culturas oriental e ocidental. Além disso, realizou-se um levantamento da produção científica nas bases Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a fim de compreender o estado da arte sobre a temática investigada.

Diante do exposto, o presente trabalho está estruturado em cinco seções. A primeira é a introdução, na qual foram apresentados o tema da pesquisa, sua justificativa e os objetivos. A segunda seção contempla o referencial teórico, abordando as características das culturas oriental e ocidental, a Teoria Zhong Yong, o papel das narrativas alegóricas na educação em função da cultura e uma breve apresentação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) em relação à diversidade cultural e à representatividade de grupos étnico-raciais. Na terceira seção, são descritos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. A quarta seção apresenta os resultados e as discussões, em seguida, a análise das fábulas selecionadas à luz das categorias da Teoria Zhong Yong e da síntese dos resultados obtidos. Por fim, a quinta seção reúne as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para esta pesquisa, optou-se por analisar características que comumente fazem parte da cultura oriental e, por contraste, para a cultura ocidental. A subseção a seguir irá adentrar nesses tópicos.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA CULTURA ORIENTAL E OCIDENTAL

Antes de abordar a respeito das características culturais orientais e ocidentais, é importante salientar sobre o conceito de cultura. Pinto (2007) aborda que a cultura é entendida por diversos autores como uma construção humana que se desenvolve nas relações entre as pessoas e na forma como elas se compreendem e interagem com o mundo. É nesse convívio social que surgem diferentes maneiras de pensar e interpretar a realidade. Nesse sentido, a cultura não se limita apenas às produções artísticas, mas também abrange os saberes, as práticas e as experiências construídas no cotidiano e nos processos de socialização.

Os autores Vitória e Emmendoerfer (2024, p. 146) afirmam que “enquanto grupo e/ou sociedade, cultura é tudo aquilo que cultivamos e/ou tudo aquilo pelo qual somos cultivados”. Essa abordagem amplia a concepção discutida por Pinto (2007), quando destaca que a cultura não apenas se forma nas interações sociais, mas também se perpetua e se transforma por meio das práticas e das experiências compartilhadas ao longo do tempo.

A partir dessa compreensão, Vitória e Emmendoerfer (2024) entendem que a cultura de uma determinada população engloba diversos elementos, tais como a religião, a filosofia, os hábitos, as tradições, a literatura, a arte, a moral, os costumes, ou seja, é um conjunto amplo de práticas, valores e conhecimentos construídos socialmente, sendo ao mesmo tempo transmitida e produzida pelos sujeitos ao longo de suas experiências. Por sua vez, para Drigo e Peres (2012) a cultura é construída a partir da influência de práticas, manifestações e/ou objetos que formam a crença dos indivíduos, contudo, ao estarem em contato com novos artefatos, a crença anterior não é perdida, mas resignificada.

Como parte da cultura ocidental, surgiram, ao longo do século XIX, inúmeras teorias cujas concepções, segundo Paiva (2020), exerceram forte influência sobre o pensamento ocidental no século XX e seguem sendo amplamente debatidas. Entre essas teorias, destaca-se o Darwinismo Social, conhecido como uma corrente intelectual inspirada em interpretações da Teoria da Evolução de Charles Darwin (Coscioni, 2018).

A Teoria de Charles Darwin foi um estudo com foco no campo da Biologia, em que afirma que o ambiente, através da seleção natural, define quais características são importantes para a sobrevivência dos organismos. Aqueles que apresentarem maior capacidade de adaptação possuem mais chances de deixar descendentes. Com o passar das gerações, esse processo favoreceu a permanência dessas características no ambiente (Silva; Pignata, 2014).

No que diz respeito ao Darwinismo Social, trata-se de uma corrente de pensamento que buscou transpor os princípios da Teoria da Evolução para a explicação da sociedade. Segundo Coscioni (2018), seu principal representante foi o filósofo Herbert Spencer, que utilizou analogias entre os organismos biológicos e a organização social para interpretar as relações humanas como parte de um processo evolutivo.

Para Spencer, o estímulo à luta pela existência é fornecido pela pressão populacional, que seria a causa do progresso. Essa luta, que ocorre entre indivíduos da mesma espécie e entre espécies diferentes, produz uma incessante adaptação mútua que provoca melhoras nos organismos e modificações bem-sucedidas que favorecem a adaptação. (Coscioni, 2018, p. 353)

Diante disso, é possível compreender que as pessoas estariam em constante competição, sobrevivendo apenas os considerados “mais aptos” (Coelho, 2022). Nessa mesma perspectiva, conforme discute Bolsanello (1996, p. 153):

O darwinismo social considera que os seres humanos são, por natureza, desiguais, ou seja, dotados de diversas aptidões inatas, algumas superiores, outras inferiores. A vida na sociedade humana é uma luta “natural” pela vida, portanto é normal que os mais aptos a vençam, ou seja, tenham sucesso, fiquem ricos, tenham acesso ao poder social, econômico e político; da mesma forma, é normal que os menos aptos fracassem, não fiquem ricos, não tenham acesso a qualquer forma de poder.

Dessa maneira, a teoria contribuiu para a naturalização das desigualdades sociais, ao defender a ideia de que o sucesso ou o fracasso dos indivíduos seriam consequências de suas capacidades pessoais (Filho; Guzzo, 2009). Nesse contexto, reforçando

perspectivas individualistas e competitivas presentes em determinados valores de pensamento ocidentais.

Essas concepções também podem ser relacionadas a outras correntes de pensamento ocidentais, como o Calvinismo, que contribuiu para a supervalorização do trabalho como elemento associado ao sucesso individual (Moreira, 2008). Esta corrente religiosa foi disseminada, principalmente, a partir das ideias do teólogo francês João Calvino no contexto da Reforma Protestante do século XVI. Nesta época ocorreu o rompimento dos modos de produção do feudalismo e portanto, o início do capitalismo. Junto deste último, passa-se a valer na sociedade valores relacionados a acumulação de bens materiais, a busca pela máxima eficiência e um olhar sobre os meios de produção. Neste contexto, a valorização dos aspectos produtivos e econômicos tende a reduzir a atenção dedicada ao desenvolvimento humano em sua dimensão integral (Santos; Dãun, 2016).

Santos e Dãun (2016) trazem que o Calvinismo contribuiu para a lógica de que o trabalho assume uma identidade pessoal para a sociedade assim como realizá-lo era uma responsabilidade individual. Ter boas condições materiais e financeiras era tido como uma graça divina e logo, um sinal de salvação. Nesta perspectiva, o dinheiro deixa de ser apenas um meio de sobrevivência, mas se torna a principal busca do ser humano. Sob essa lógica, a salvação individual está acima da busca pelo bem comum.

Em contraste com essas concepções associadas a certas correntes do pensamento ocidental, as sociedades da Ásia e do Oriente Médio compartilham determinadas tradições filosóficas, religiosas, sociais e históricas diferentes das desenvolvidas no Ocidente europeu. Essas culturas são influenciadas por correntes filosóficas e religiosas como o hinduísmo, budismo, taoismo, confucionismo e islamismo, que contribuíram para a construção de valores voltados à coletividade, à harmonia social, ao equilíbrio entre homem e natureza e à integração entre realidade material e espiritual (Almeida, 2013; Zhang et al., 2024).

Enquanto a cultura oriental traz uma visão holística sobre as realidades, ela parte do entendimento de que o ser humano é um todo complexo que não deve ser fragmentado em sua análise, indo, desta forma, de encontro a visão ocidental de que cada situação deve ser tratada pontualmente. Estudos contemporâneos como os de Zhang et al. (2024), embora foram na área da cognição humana, adentraram na complexidade do ser humano como um todo, indo ao encontro da visão oriental na qual se defende uma busca mais racional do conhecimento.

Em outras palavras, enquanto a cultura oriental traz uma perspectiva do conhecimento construído a partir do todo, a cultura ocidental debruça-se para uma análise mais individual e ramificando os fatos. Faz parte dela o conjunto de sociedades historicamente influenciadas pela tradição greco-romana, pelo cristianismo e, posteriormente, pelos ideais do Renascimento, do Iluminismo e da Revolução Científica. Nesse contexto, consolidou-se uma valorização da racionalidade científica, do individualismo e da fragmentação do conhecimento em áreas específicas, características que marcaram profundamente a organização social, política e intelectual das sociedades europeias e americanas (Zhang et al., 2024).

Por sua vez, a Teoria Zhong Yong também conhecida como Doutrina do Meio ou o Caminho do Meio é uma das principais filosofias éticas e morais presentes na cultura oriental. A subseção a seguir adentra na referida teoria.

2.2 A TEORIA ZHONG YONG (Doutrina do Meio ou Caminho do Meio)

A referida teoria foi valorizada e defendida por diferentes pensadores ao longo da história, principalmente pelo filósofo e pensador chinês Confúcio (Zheng, 2022). De acordo com Suh (2020), essa concepção é oriunda da tradição da filosofia política chinesa, encontrada na obra chamada *Analectos* de Confúcio, em que “consiste na reunião de diversos registros de diálogos e ensinamentos de seus discípulos, sendo que os ensinamentos são todos dados a Confúcio” (Corrêa; Leite-Mor, 2021, p. 60).

Essa filosofia confuciana teve seu próprio livro publicado durante o período denominado Estado Combatentes da China, a autoria do livro foi atribuída ao único neto de Confúcio, chamado de Zisi. Ele expandiu os conhecimentos deste conceito e detalhou para que fosse aplicado na vida real (Zheng, 2022). Conforme elucidado por Zheng (2022) a ideia central dessa teoria consiste na busca por:

[...] um ponto de equilíbrio, um ponto de perfeição que, por sua vez, é condicionado pelos fatores específicos de cada caso. Em outras palavras, não existe um critério perfeito aplicável a todas as circunstâncias, mas, sim, um ponto adequado para cada caso individual. (Zheng, 2022, p. 24)

A partir dessa compreensão, podemos entender que esse equilíbrio não se configura como uma fórmula fixa ou universal. Ao contrário, trata-se de um princípio que deve ser construído de acordo com as particularidades de cada situação, uma vez que “as partes extremas não representam corretamente o todo” (Nascimento, 2023, p. 81). Dessa forma, exige dos indivíduos a capacidade de analisar o contexto em que estão inseridos, a fim de agir de maneira adequada em circunstâncias distintas.

Por sua vez, o autor Almeida (2023) destaca a valorização das relações sociais harmoniosas como um elemento sendo fundamental para a construção das virtudes. Diferentemente da cultura ocidental, na qual a competição é muitas vezes incentivada, a cultura oriental, fundamentada na Teoria do Caminho do Meio, valoriza a busca do bem comum coletivamente, a partir das interações entre as pessoas. Nesse sentido, em uma das passagens, a Teoria Zhong Yong ilustra essa concepção de equilíbrio:

Zigong perguntou: Entre Zizhang e Zixia, quem é melhor? O Mestre respondeu: Zizhang ultrapassa o limite, enquanto Zixia não o atinge. Zigong disse: Então Zizhang é melhor que Zixia? O Mestre contestou: Ultrapassá -lo é igual a não o atingir. (Zheng, 2022, p. 243)

A passagem evidencia, além da não competição, a importância de coibir os exageros, uma vez que, tanto a falta, quanto os excessos vão de encontro ao equilíbrio proposto pela Doutrina do Meio. Segundo o Wang (2020) sendo ambos considerados desvios em relação ao equilíbrio esperado.

Outro aspecto relevante está ligado à sabedoria, compreendida como resultado da prática contínua das virtudes no cotidiano, ou seja, a partir das experiências de trajetória de vida os indivíduos estão em constante aprendizagem de novas práticas, comportamentos e habilidades. Nessa perspectiva, a sabedoria não é um conhecimento abstrato ou teórico, mas uma capacidade construída pela vivência e pela aplicação dos princípios éticos na prática, especialmente no âmbito das relações sociais (Zheng, 2022).

Além disso, o conhecimento é transmitido por meio da relação entre mestre e aprendiz, na qual o mestre não é visto como o único detentor do saber, mas como aquele que orienta e abre as portas para o conhecimento. Dessa forma, sua conduta se torna um elemento fundamental no processo formativo, influenciando o aprendiz não apenas pelo ensino direto, mas também pelo exemplo (Almeida, 2023). Nesse sentido, o fragmento abaixo evidencia essa compreensão quando apresenta a figura de Shun como um modelo de sabedoria:

O Mestre disse: Shun pode ser considerado uma pessoa sábia. Ele gosta de consultar outras pessoas e consegue captar a essência de suas falas simples. Guarda os defeitos de outras pessoas e apenas divulga as suas virtudes. Aceita as opiniões de dois lados extremos e aplica aquela que é adequada à governança de seu povo. É por isso que ele pode ser considerado o sábio Shun. (Zheng, 2022, p. 243)

A partir dessa definição, compreende que a sabedoria pode estar associada também à capacidade de ouvir diferentes perspectivas para poder ampliar seus horizontes e à habilidade de escolher o que é mais adequado para agir de forma equilibrada no dia a dia em suas atitudes.

Conforme as contribuições de Barbosa (2021), outra característica observada na Teoria Zhong Yong é a organização das relações sociais a partir de papéis hierarquicamente definidos, considerados um elemento fundamental para a organização da sociedade como um todo. Nessa perspectiva, as relações são orientadas pelas diferentes funções e respeito aos papéis superiores e responsabilidades que devem ser cumpridas.

Já Nascimento (2023) aponta como ideia central da filosofia Zhong Yong à compreensão das relações a partir da complementaridade entre os opostos. Sob essa ótica, elementos considerados contrários não são entendidos como polos em conflito, mas como partes que integram uma mesma totalidade, estabelecendo entre si uma relação. Assim, ideias como mudança e continuidade não são apresentados como forças opostas, mas como dimensões que se entendem mutuamente, ou seja, os dois se complementam. Essa lógica pode ser associada à noção conhecida como yin e yang, na qual diferentes aspectos coexistem e contribuem para a harmonia do todo.

A subseção a seguir, por sua vez, versa sobre as narrativas alegóricas, pois estas são os gêneros textuais onde mais explicitamente ensinamentos, reflexões e lições se fazem presentes, considerando que a literatura é uma ferramenta para que tais valores sejam transmitidos e perpetuados.

2.3 NARRATIVAS ALEGÓRICAS: UM MEIO CULTURAL E EDUCACIONAL

Para discorrer sobre as narrativas alegóricas, é preciso, antes, compreender a literatura. Segundo Candido (2011), a literatura desempenha diversas funções relevantes

na sociedade, especialmente a sua contribuição para a formação humana. “Por meio de narrativas provocativas e simbólicas, a literatura estimula o debate e a reflexão sobre questões importantes, promovendo assim uma consciência crítica e uma compreensão mais profunda da sociedade” (Leal; Silva; Moraes, 2022, p. 10). Nesse sentido, ela amplia a percepção dos(as) leitores(as) sobre si mesmos, os outros e o mundo que os cercam. Além de seu papel formativo, a literatura é uma importante manifestação artística, permitindo a expressão de sentimentos e ideias (Souza, 2016).

Por sua vez, no âmbito da literatura infantil, a autora Abramovich (1999) afirma que é por meio das narrativas infantis que se pode explorar novos lugares, épocas diferentes, diversas formas de agir e ser, além de outras perspectivas e culturas. Diante dessa afirmação, é possível notar como a literatura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional, social, da identidade dos(as) alunos e do respeito às diversidades culturais, se tornando um meio de mediação entre os(as) leitores(as) e a realidade.

Em documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), que será discutida, de forma breve, na subseção 2.4, destaca a importância do acesso e o contato com a literatura infantil desde a Educação Infantil. Isso se deve ao fato de que as crianças “manifestam curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos [...]” (Brasil, 2018, p. 42). Esse primeiro contato é fundamental para que os(as) pequenos(as) leitores(as) sejam estimulados a desenvolver o gosto pela leitura, uma vez que é por meio dela que se abrem novos horizontes e descoberta de conhecimentos gradualmente.

As autoras Souza e Beltrame (2024) apontam que, ao criar personagens, situações e universos ficcionais, os literatos conseguem fazer com que os(as) leitores(as) entrem em contato com situações atuais e reflitam sobre diferentes aspectos da vida social. Outro aspecto relevante é a capacidade da literatura de promover a compreensão das experiências humanas. Ao acompanhar diferentes perspectivas e trajetórias de vida das obras, os(as) leitores(as) podem desenvolver sensibilidade diante das vivências do outro, favorecendo o respeito às diferenças e o diálogo entre as culturas.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que os(as) pequenos(as) leitores(as) também devem ser expostos às temáticas da realidade que os cercam. Como destaca a autora Abramovich (1999, p. 98), “a literatura também informa”. Ainda segundo essa autora, os(as) escritores(as) da literatura infantil não precisam necessariamente retratar a realidade de maneira direta e rígida em suas obras, esta não é a única abordagem

possível. Eles(as) podem, como já mencionado, utilizar animais como personagens e adotar uma linguagem simples e divertida, tornando as obras acessíveis de forma lúdica expondo questões do mundo real. Os ensinamentos contidos nas obras podem não serem compreendidos em uma primeira leitura, mas ao reler em outros momentos, novas revelações podem surgir.

Dessa forma, considerando o papel formativo e reflexivo atribuído à literatura, é destacado entre os diferentes gêneros literários, as fábulas e as parábolas. Estas representam um gênero narrativo de tradição antiga que foi conhecida por ser transmitida oralmente pelas pessoas no passado. Quanto às fábulas, os registros mais antigos desse gênero advieram da Grécia Antiga pelo fabulista grego conhecido como Esopo (Azevedo, 2025), uma “figura supostamente lendária, passou para a história como o primeiro criador de fábula” (Santos; Oliveira, 2022, p. 21). De acordo com Dolz, Lima e Zani (2020), foi durante o século XVII, que a fábula recebeu mais notoriedade por meio das releituras realizadas por La Fontaine na França, a partir disso as produções passaram a ser direcionadas ao público infantil, com o objetivo de difundir ensinamentos fundamentados em valores morais e éticos.

No Brasil, a consolidação da fábula ocorreu durante o período do Romantismo, momento em que o gênero passou a incorporar características da cultura brasileira. Posteriormente, a partir do Modernismo a fábula passou por novas transformações, como inserções de elementos mais críticos voltados à reflexão sobre a sociedade (Dolz; Lima; Zani, 2020). Nesse contexto, o autor que se destacou com suas contribuições ressignificando diversas fábulas direcionadas ao público infantil foi o Monteiro Lobato. As produções desse escritor, assim como as dos demais autores do gênero anteriormente citados, também discorrem “sobre a problemática de uma sociedade que passa por diversos problemas sociais, econômicos e morais, uma arte que reflete o comportamento humano, de acordo com cada época” (Faria, 2023, p. 2).

Segundo Mandel e Miranda (2020) as fábulas são narrativas curtas em que, na maioria das vezes, seus personagens são animais que possuem comportamentos e características humanas. “Sendo assim, a personificação é um dos elementos centrais do gênero. A fábula tradicional apresenta um relato direcionado a uma lição de conduta, que além de contar uma história, apresenta um ensinamento” (Santana, 2016, p. 14), lição, reflexão ou uma moral que pode ser apresentada no meio do contexto narrativo ou no final da história (Dolz; Lima e Zani, 2020). Corroborando com essa perspectiva, Arcanjo (2015, p. 10) explica que:

Sua estrutura é facilmente identificada: narrativa pequena que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude humana, encerrando com uma lição de moral. A maioria das fábulas, para representar esses traços do caráter humano, tem como personagens animais ou criaturas imaginárias que, geralmente, falam.

Nesse sentido, as fábulas, por apresentarem narrativas curtas, reflexões ao final das histórias, ter uma linguagem leve e acessível e, geralmente, utilizar de animais como personagens para retratar atitudes humanas, fazem com que a leitura seja mais fácil e divertida transformando um gênero literário que desperta interesse dos(as) leitores(as). Ademais, no campo da literatura “as fábulas possuem uma grande contribuição para que os leitores reflitam sobre suas atitudes e valores, assim como no relacionamento com a sociedade” (Souto; Sambugari, 2023, p. 3).

A fábula é uma forma de manter viva a tradição e o espírito de um povo, tanto é que existem fábulas regionais, entre outras variações vinculadas às características culturais de diferentes localidades (Oliveira; Nanba, 2014). Um exemplo é a fábula “Apenas uma canoa nas noites de verão”. Esta fábula narrativa aborda ensinamentos acerca de valores fundamentais da vida em sociedade, bem como da importância da sustentabilidade e da conservação ambiental e retrata tipicamente o cotidiano do povo ribeirinho. “O país inteiro tem essa curiosidade sobre o nosso folclore e todo o conceito mítico do folclore nortista [...]” (Plácido, 2023, sn). No Anexo A, consta o prefácio desta obra.

Nos tempos passados, o gênero abordado era considerado uma prática comum entre os filósofos que, na oralidade, os conhecimentos eram viabilizados por meio destas histórias. Nesse sentido, Teixeira (2023, p. 23) afirma:

[...] é importante resgatar a origem da experiência falada, essencial à vida humana nas primeiras sociedades, possuindo um papel tanto pedagógico como cultural, seja nos grandes centros, com oradores e filósofos disputando o espaço na ágora, seja nas províncias rurais, onde os camponeses se utilizavam da fala para transmitir os ensinamentos da vida prática e o comportamento moral a ser seguido por seus filhos.

As fábulas cumprem um papel de “reter” o conhecimento, afinal, não era comum e nem acessível economicamente que todas as histórias fossem registradas em papiros, por exemplo. No entanto, as fábulas, eram esse meio pedagógico de transmitir as informações, os conhecimentos, daqueles que o haviam vivenciado ou igualmente

recebido de outras pessoas. As fábulas são, portanto, pedagogicamente uma forma de gerir e compartilhar o conhecimento. Nas palavras de Teixeira (2023, p.23):

A linguagem, como ferramenta essencial do ser do humano no mundo, cumpre o papel, através da oralidade, de conectar o homem com o acumulado das conquistas imateriais dos antepassados, ou seja, com histórias que não foram escritas, mas que estavam guardadas na memória dos mais velhos, através da transmissão do saber no ato de falar e saber escutar. Assim, ouvia-se as mães e os pais, as avós e os avôs, porque suas figuras invocavam sabedoria e autoridade, de quem possuía experiência e que estava próximo da fonte que vivenciou tais fatos extraordinários que saíam da boca do falante.

Além da questão lúdica, as fábulas se tornaram meios literários e pedagógicos de abordar críticas sociais. Um exemplo ocorre na fábula “A cigarra e a formiga” que embora existam controvérsias sobre sua origem, mas geralmente atribuída a Esopo, foi adaptada por La Fontaine quando este se utilizou do gênero literário para criticar a sociedade da sua época (Lima; Mariz, 2012).

As fábulas de La Fontaine trazem uma forte crítica à sociedade europeia do século XVII, tendo os animais como personagens de suas histórias e inspiradas por outro grande fabulista, um grego do século VI a.C., Esopo. [...] é na ironia das fábulas de La Fontaine que está o grande fator positivo da escrita do autor (Lima; Mariz, 2012, p.80).

As obras de La Fontaine têm uma função que está além de apenas narrativas para um determinado público, o autor utiliza das histórias para abordar comportamentos e questões sociais. Além disso, as críticas têm uma característica atemporal, ou seja, por meio dos enredos é possível inferir situações problemáticas que são levadas à reflexão independentemente da época, já que parecem acompanhar a humanidade ao longo da história.

[...] as fábulas de La Fontaine são muito mais que simplesmente histórias de animais. Seus textos comportam um grande valor crítico e moral que abrange não só a condição da sociedade da época em que foram escritos, mas trazem uma crítica atual, que pode facilmente ser aplicada aos dias de hoje. Mesmo sendo textos baseados na obra de Esopo, La Fontaine conseguiu adaptá-los a realidade de seu tempo e, com grande maestria, fazê-los mundialmente conhecidos. (Lima; Mariz, 2012, p. 92)

Este gênero literário desempenha uma importante função social quando faz uso de narrativas simbólicas como metáforas da realidade humana. Embora os personagens sejam, muitas vezes, representados por animais, eles não se limitam à sua aparência

literal, assumindo características que refletem comportamentos, valores, grupos sociais e até determinadas ideologias presentes na sociedade. Dessa forma, mediante essas representações, as fábulas retratam conflitos, virtudes e defeitos humanos em linguagem figurada, assim, sendo um meio pedagógico de construir visões de mundo que influenciam a cultura e a forma como os indivíduos interpretam a realidade social (Arcanjo, 2015).

Como exemplo disso, pode-se mencionar a “fábula das Duas tribos” (integrada a obra *Quincas Borbas* de Machado de Assis) na qual é retratada, de forma irônica, uma situação em que apenas os mais fortes prevalecem. Foi uma crítica dirigida a diferentes correntes científicas e entre elas o Darwinismo Social, cuja suas interpretações foram utilizadas para justificar desigualdades sociais e explorações (Paiva, 2020). Autores como Melo (2012) acreditam que as fábulas trazem relações de poder criando juízos de valor:

No entanto, a partir de uma leitura discursiva em fábulas, percebemos que a noção de justiça, do bem ou do mal presente em textos fabulares é no mínimo questionável, no sentido de estabelecimento de um modelo ético-moral do certo ou do errado. [...] E, ainda, que o exercício do poder não está necessariamente ancorado na ideia de justiça ou amparado pela ética-moral, mas, sim, pela noção de força e/ou repressão, no qual o mais forte prevalece em relação ao mais fraco. (Melo, 2012, p. 13)

Em outras palavras, no fragmento acima apresenta uma visão negativa dessas narrativas, uma vez que, ao abordar lições de moral elas têm uma influência sobre o que é ético e o que não é. Quando as fábulas em seus conteúdos apresentam enredos mostrando o “certo” e o “errado”, o “bem” e o “mal”, o “bom” e o “ruim”, elas estão estabelecendo códigos éticos e morais na sociedade. Por essa perspectiva, as fábulas são vistas como um meio de poder. Para Melo (2012, p. 15) “o estudo das fábulas deve ultrapassar o plano do conteúdo” pois elas trazem aspectos ideológicos que servem para internalizar e divulgar pontos de vistas sociológicos. Para este autor as sociedades são governadas por ideologias e estas são originadas na cultura e se propagam nos meios educacionais.

De modo semelhante, Oliveira e Nanba (2014, p. 3) trazem:

[...] visamos a um resgate de valores transmitidos pelas fábulas, que desde muitos anos atrás constituem um instrumento de aprendizagem capaz de orientar o comportamento do homem, facilitando o seu relacionamento em

sociedade e capaz de propiciar momentos reflexivos que o tornem um ser autônomo e não autômato, refêem da modernidade.

Portanto, fábulas e parábolas trazem autonomia para o homem. Muitos conteúdos não seriam facilmente entendidos por leigos ou pessoa mais simples do povo, entretanto, quando as fábulas, em suas metáforas, têm o poder de tornar conteúdos complexos mais simples, em explicações lúdicas, pedagógicas e didáticas que fazem parte da realidade de grande parte da população, elas cumprem este papel de educar a sociedade para a autonomia.

2.4 BNCC: A DIVERSIDADE CULTURAL E A REPRESENTATIVIDADE DE GRUPOS ÉTNICOS-RACIAIS

De acordo com Primi et al. (2025), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) é um documento normativo que tem como objetivo orientar as competências, habilidades e conhecimentos específicos a serem desenvolvidas ao longo da educação básica. Atualmente em um mundo com diversas complexidades e cheio de desafios não é suficiente aprendizagens com “foco exclusivo em competências cognitivas, como matemática e leitura e escrita” (Primi et al., 2025, P. 1).

Nesse sentido, é importante que as instituições de ensino e os(as) docentes adotem pedagogias que envolvam o desenvolvimento integral dos(as) estudantes, integrando métodos que trabalhem, por exemplo, as habilidades sociais e emocionais, o estímulo do pensamento crítico e a criatividade. Assim como, incorporar temáticas sobre diversidades culturais para promover a educação para as relações étnico-raciais desenvolvendo o respeito a pluralidade cultural.

Em diálogo com esta pesquisa, a utilização das narrativas alegóricas surge como uma opção lúdica de trabalhar, incluir e aprender os elementos acima citados, especialmente no que se refere à diversidade cultural e à representatividade de grupos étnico-raciais, mas para isso é necessário trazer de que forma essas temáticas são abordadas na BNCC (Brasil, 2018).

Ao se considerar a BNCC (Brasil, 2018), para este estudo as competências iniciais demonstram as preocupações quanto a diversidade cultural e a representatividade de grupos étnico raciais no planejamento de instituições de ensino no Brasil. Dentre elas:

Competência 1: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (Brasil, 2018, p. 9)

Isso aparece na rotina escolar, por exemplo, por meio da inclusão de diferentes valores culturais no currículo, podendo ser nos estudos das culturas indígena, africana, europeia e asiática; em projetos sobre imigração japonesa e chinesa no Brasil e nas leituras de narrativas alegóricas, tais como contos, lendas, fábulas e parábolas de diversas culturas. Esse trecho demonstra que a BNCC (Brasil, 2018) não restringe a aprendizagem aos conhecimentos científicos ocidentais. Ao reconhecer os conhecimentos historicamente construídos no âmbito cultural, o documento legitima diferentes formas de produção de saberes.

Nesse contexto, a Teoria Zhong Yong pode ser compreendida como uma corrente filosófica construída historicamente no contexto da cultura oriental, cujo estudo amplia o repertório cultural dos(as) estudantes e favorece o contato com perspectivas diferentes de interpretação da realidade.

Por sua vez, na competência 3, “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais” (Brasil, 2018, p. 9). A BNCC (Brasil, 2018) menciona explicitamente manifestações culturais locais e mundiais. Sobre esta competência, é importante destacar que a cultura, vista como patrimônio da humanidade, precisa ser vista a partir de uma formação dos(as) estudantes que contemple produções culturais oriundas de diferentes contextos históricos e geográficos. A BNCC (Brasil, 2018) afirma: “Compreender a diversidade cultural como característica da sociedade brasileira e da humanidade”. (Brasil, 2018, p. 9). Isso pode ser visualizado e relacionado quando este documento ainda traz:

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. (Brasil, 2018, p. 63).

Neste estudo, ainda é válido trazer o fragmento contido na página 209 da norma nacional, onde se percebe a aplicabilidade direta da competência 3. Ela diz: “Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as

narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.)” (Brasil, 2018, p. 209).

Isso porque o documento orienta que as instituições de ensino não apresentem a visão ocidental como referência universal, mas que haja o contato com outras matrizes culturais. Existem muitos livros com perspectivas eurocêntricas, portanto, é papel do(a) docente avaliar criticamente quais obras abordar em sala de aula e diversificar livros para que possam estimular a reflexão crítica sobre as diferentes representações culturais presentes nas literaturas, promovendo o que a literatura chama de descolonização curricular (Gomes, 2012).

Ademais, o documento não determina quais histórias devem ser lidas. Ela valoriza o contato com diferentes gêneros narrativos ao enfatizar o contato dos(as) discentes com histórias, contos e fábulas evidenciando o reconhecimento das narrativas como instrumentos relevantes para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e cultural. Ao defender a familiaridade com diferentes gêneros literários, cria-se um espaço para a inserção de narrativas oriundas de distintas tradições culturais.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. É qualitativa uma vez que se utiliza de informações analisadas sem considerar valores numéricos, mas seu conteúdo (Creswell, 2010; Gil, 1989). E, exploratória, pois não foram identificados muitos estudos sobre esse tema e nenhum deles que analisassem valores da cultura oriental em narrativas alegóricas. Ainda, classifica-se como uma pesquisa descritiva, por ter descrito aspectos da Teoria Zhong Yong. A escolha da Teoria Zhong Yong como eixo central deste estudo ocorreu a partir do levantamento teórico sobre a cultura oriental. Foi utilizado também o ChatGPT (OpenAI) exclusivamente para revisão gramatical e sugestões de redação, sem geração de conteúdo analítico ou interpretativo.

Importante enfatizar que para fins deste estudo, o termo fábula será adotado como equivalente a parábola. Embora frequentemente tratadas como sinônimos, esses gêneros apresentam diferenças, as fábulas costumam utilizar personagens imaginários, enquanto as parábolas se baseiam em situações do cotidiano. Apesar dessas distinções, ambos os gêneros transmitem ensinamentos de forma não literal, favorecendo a reflexão e a construção de valores sociais.

Para isso, foi realizado uma busca inicial pelo ChatGPT (OpenAI), utilizando o prompt de comando a seguir: "Quais são os principais sites que disponibilizam fábulas e parábolas populares da literatura brasileira? Apresente opções de páginas que reúnam narrativas e permitam acessar diferentes textos". A partir disso, direcionou páginas *online* que reúnem fábulas e parábolas populares da literatura brasileira. Diante da variedade de textos encontrados, por meio da amostragem intencional, foi selecionado as narrativas alegóricas que compuseram este estudo. Esta metodologia é caracterizada, segundo Nagae (2007), pelo pesquisador escolher dentre as várias opções disponíveis aquela que atenda ao seu objetivo, que tenha as características do interesse da pesquisa. Dessa forma, algumas fábulas e parábolas que refletem características da cultura oriental foram selecionadas com uma busca já direcionada pois a pesquisadora as conhecia e conseguiu relacionar com a Teoria Zhong Yong.

Assim, foram selecionadas seis fábulas populares que trazem valores da cultura oriental e, na sequência, três fábulas populares com valores tipicamente presentes na

cultura ocidental. A partir das análises destas, é apresentada um quadro relacionando com as categorias da Teoria Zhong Yong.

A pesquisa fundamentou na Teoria Zhong Yong, a partir da qual foram identificadas, com base na literatura, as principais características associadas a essa filosofia.

Com base esse levantamento, foram definidas as seguintes categorias de análise:

- (1) relações sociais harmoniosas;**
- (2) valorização da aprendizagem ao longo das gerações;**
- (3) valorização da construção das virtudes;**
- (4) busca pelo bem social coletivo;**
- (5) coibição dos exageros;**
- (6) hierarquia, papéis definidos e subordinação;**
- (7) defesa de relações complementares e não polares.**

Importante destacar que essas categorias foram estabelecidas e assim nomeadas pela própria autora para, a partir delas ser possível identificar padrões e aproximações entre os valores da cultura oriental e os elementos presentes nas narrativas alegóricas selecionadas. Posteriormente, cada fábula e parábola foram analisadas individualmente, à luz dessas categorias. O procedimento consistiu na leitura interpretativa dos textos, seguida dos sete elementos acima definidos. A análise buscou estabelecer conexões entre os valores expressos nas narrativas e as características da Doutrina do Meio, possibilitando uma compreensão comparativa entre valores das culturas orientais e ocidentais via diferentes fábulas e parábolas.

Para compreender de forma ampliada como está sendo trabalhado e abordado a temática investigada, na comunidade científica, realizou-se um levantamento de trabalhos acadêmicos em duas bases de dados. O primeiro repositório é a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a escolha por esta, decorreu pelo seu reconhecimento e por ser considerada uma das fontes confiáveis para pesquisas acadêmicas e científicas no Brasil. Em conjunto, a segunda base escolhida foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), é um banco de dados que reúne produções científicas nacionais e internacionais.

A seleção das produções acadêmicas foi realizada por meio da leitura dos títulos e dos respectivos resumos. Foram apontados como critérios de inclusão as pesquisas que fossem: (1) acesso aberto; (2) em língua portuguesa; (3) educação como área do conhecimento CNPq. Estes critérios de inclusão foram aplicados filtros destas duas bases de dados. Por outro lado, houve a exclusão de pesquisas de acesso restrito de áreas não vinculadas à educação e que abordassem cunhos religiosos.

A busca iniciou-se na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foi inserida, primeiramente o descritor “Zhong Yong” e resultou em uma dissertação. Em seguida, colocou-se as combinações de palavras “Teoria Zhong Yong” e “literatura”, como resultados foram localizadas duas pesquisas, uma tese e uma dissertação, porém, nenhuma delas abordaram as palavras-chave, supracitadas, em seus temas, como também não eram da área da educação. Diante disso, realizou-se outra busca usando como palavras-chave “Confúcio”, o nome do próprio representante da Teoria Zhong Yong, e “literatura”. A partir desses descritores em todos os campos de busca, resultaram em cinco pesquisas, mas nenhuma foi selecionada.

Posteriormente, a busca deu sequência no Portal de Periódicos da CAPES, realizando os mesmos movimentos da primeira base. Foi inserido a palavra-chave “Zhong Yong” e localizou-se duas pesquisas, uma já tinha sido identificada na busca anterior e a outra não foi selecionada, pois tratava de estudos sobre política. Partindo para os próximos descritores “Teoria Zhong Yong” e “literatura” não obteve resultado, já “Confúcio” e “literatura” foi localizado uma pesquisa. A Tabela 1 organiza o percurso mencionado, apresentando o número de publicações acadêmicas identificadas e selecionadas nas duas bases de dados.

Tabela 1 - Total de trabalhos acadêmicos a partir dos descritores utilizados

Base de dados	Palavras-chave	Produções acadêmicas encontradas	Produções acadêmicas selecionadas
BDTD	“Zhong Yong”	1	1
	“Teoria Zhong Yong” e “literatura”	2	0
	“Confúcio” e “literatura”	5	0

CAPES	“Zhong Yong”	2	0
	“Teoria Zhong Yong” e “literatura”	0	0
	“Confúcio” e “literatura”	1	1

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Ao analisar a Tabela 1 observa-se uma quantidade bastante reduzida de produções acadêmicas relacionadas as palavras-chave utilizadas, mostrando que a temática ainda é pouco explorada no contexto das pesquisas brasileiras. Nas buscas realizadas nas bases de dado BDTD e no CAPES foram identificadas apenas onze trabalho, dos quais somente duas atenderam aos critérios estabelecidos para a investigação. Esses dados demonstram a escassez de estudos que articulam Teoria Zhong Yong e literatura, especialmente no campo educacional, revelando uma lacuna significativa na produção científica.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, junto as palavras-chave, foram identificadas apenas duas produções acadêmicas que apresentavam aproximação com o objeto desta pesquisa. O Quadro 1 apresenta a relação dessas publicações, indicando seus respectivos títulos, autores e ano de publicação.

Quadro 1 - Lista final das publicações acadêmicas em relação ao objeto de pesquisa

Título	Autor(es)	Ano
(1) Uma tradução comentada da prosa contemporânea chinesa: Eu e o Parque do Templo da Terra, de Tiesheng Shi.	Tao Zhen	2019
(2) Guarda-se de falar: prudência e linguagem em Confúcio.	Chen Tsung Jye Antonio José Bezerra de Menezes Jr	2003

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

A partir da leitura das pesquisas do quadro 1 podemos aproveitar as seguintes informações sobre a temática da Teoria Zhong Yong no contexto da formação de docentes.

A pesquisa (1) embora não seja direcionada ao papel do educador, quando esta aborda a Teoria do caminho do meio, ela traz o fundamento teórico de que a sabedoria deve ser um valor que orienta as ações dos indivíduos. Ao contextualizarmos com o papel da pedagogia percebe-se o papel do professor como este “mestre” que conduz os seus “aprendizes” em direção ao conhecimento.

A pesquisa (2) versa sobre a concepção confuciana da linguagem, ele aborda que a linguagem também é postura e manifestação do caráter moral do indivíduo. Estabelecendo um diálogo com a formação de docente, essa concepção relaciona-se com a habilidade comunicativa, professores(as) também educam pela forma como se comunicam com seus alunos(as). Além da comunicação, pela maneira como interagem, orientam, escutam e se dirigem aos(às) estudantes.

Os estudos apresentados não articulam diretamente com a educação, porém eles abordam princípios da Teoria Zhong Yong que podem ser aplicadas na prática pedagógica e na formação de docentes. A partir desse percurso, a seção seguinte apresenta a BNCC (Brasil, 2018) e a análise das fábulas e parábolas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir da análise das narrativas alegóricas selecionadas, tomando como referência as características da Teoria Zhong Yong. Inicialmente, são examinadas as narrativas associadas aos valores da cultura oriental, buscando identificar os sete elementos estabelecidos.

Em seguida, são analisadas histórias com princípios da cultura ocidental, permitindo estabelecer aproximações e contrastes entre as perspectivas culturais presentes nas narrativas. Por fim, é realizada uma síntese dos resultados, evidenciando como as narrativas alegóricas são meios didáticos e pedagógicos de compreender a vida em sociedade.

4.1 FÁBULAS COM VALORES DA CULTURA ORIENTAL

4.1.1 Fábula 1: Viver como as flores

Mestre, como faço para não me aborrecer? Algumas pessoas falam demais, outras são ignorantes. Algumas são indiferentes. Sinto ódio das que são mentirosas. Sofro com as que caluniam". - "Pois viva como as flores!", advertiu o mestre. - "Como é viver como as flores?" Perguntou o discípulo. - "Repare nestas flores", continuou o mestre, apontando lírios que cresciam no jardim. "Elas nascem no esterco, entretanto são puras e perfumadas. Extraem do adubo malcheiroso tudo que lhes é útil e saudável, mas não permitem que o azedume da terra manche o frescor de suas pétalas. É justo angustiar-se com as próprias culpas, mas não é sábio permitir que os vícios dos outros o importunem. Os defeitos deles são deles e não seus. Se não são seus, não há razão para aborrecimento. Exercite, pois, a virtude de rejeitar todo mal que vem de fora. Isso é viver como as flores (Krizanovski; Altman, 2023, P.46).

A presente fábula começa abordando uma questão central da Teoria do Caminho do Meio: a busca por relações sociais harmoniosas (1). Um homem procura conselho sobre como melhorar seus relacionamentos, já que frequentemente se sente aborrecido, decepcionado ou irritado com os comportamentos dos outros. Em resposta a esses sentimentos negativos, que são comuns na sociedade, o mestre aconselha-o a não absorver influências externas prejudiciais.

Este conselho reflete a busca pelo bem social coletivo (4), assim como a defesa de relações complementares e não polares (7). Cada indivíduo é único e, portanto, terá posicionamentos e ações distintas, que não devem ser vistas como opostas.

A valorização da construção das virtudes (3) se torna evidente no final da fábula, quando o mestre menciona a importância de rejeitar todo o mal que vem de fora, como uma habilidade essencial para alcançar a paz e o equilíbrio interior. Por fim, ao mencionar os termos "mestre" e "discípulo", é possível inferir a existência de papéis definidos e uma relação de subordinação (6).

4.1.2 Fábula 2: Parábola do velho lenhador

Certa vez, um velho lenhador, conhecido por sempre vencer os torneios que participava, foi desafiado por outro lenhador jovem e forte para uma disputa. A competição chamou a atenção de todos os moradores da localidade. Muitos acreditavam que finalmente o velho perderia a condição de campeão dos lenhadores, em função da grande vantagem física do jovem desafiante. No dia marcado, os dois competidores começaram a disputa, na qual o jovem se entregou com grande energia e convicto de que seria o novo campeão. De tempos em tempos olhava para o velho e, às vezes, percebia que ele estava sentado. Pensou que o adversário estava velho demais para a disputa, e continuou cortando lenha com todo vigor. Ao final do prazo estipulado para a competição, foram medir a produtividade dos dois lenhadores e pasmem! O velho vencera novamente, por larga margem, aquele jovem e forte lenhador. Intrigado, o moço questionou o velho: - Não entendo, muitas das vezes quando eu olhei para o senhor, durante a competição, notei que estava sentando, descansando, e, no entanto, conseguiu cortar muito mais lenha do que eu, como pode!! - Engano seu! Disse o velho. Quando você me via sentado, na verdade, eu estava amolando meu machado. E percebi que você usava muita força e obtinha pouco resultado. (Lima, 2007, sn).

São identificadas na fábula cinco características da Teoria do Caminho do Meio. A primeira delas é a valorização da aprendizagem ao longo das gerações (2) quando o jovem desafiante questiona sobre o resultado da competição e o velho lenhador ensina que a força física sem a sabedoria de parar e afiar o machado não trará um bom resultado. Ou seja, o velho lenhador responde de maneira que transmite uma aprendizagem importante ao jovem. Ao realizar esta atitude se abre um espaço para a troca de experiências.

Também se observa a presença da valorização da construção das virtudes (3), especialmente ao se considerar a postura do velho lenhador diante da competição. Diferentemente do jovem desafiante (que tem por fortaleza, se assim pode ser dito, sua

força física) o idoso demonstra domínio de si, paciência e estratégia. Nesse sentido, a vitória está associada ao desenvolvimento de virtudes como prudência e sabedoria prática, construídas ao longo da experiência, já que estas se mostram superiores aos atributos físicos da jovialidade, no caso a força para cortar a lenha.

Tal fato relaciona-se à característica de coibir os exageros (5), isso quando, na fábula, fica evidente que o excesso de esforço não resultou, necessariamente, em melhores resultados, afinal, a tarefa foi concluída de modo mais positivo pelo velho lenhador, ao ter equilíbrio em sua conduta (evitando tanto a inércia, quanto o excesso). Esse comportamento se aproxima diretamente a Teoria Zhong Yong, ao indicar que o desempenho adequado não se encontra nos extremos, mas na moderação.

E, ainda que de forma implícita, é possível identificar a busca pelo bem social coletivo (4) quando, ao compartilhar sua estratégia com o jovem, o velho lenhador contribui para o aprendizado do outro, reforçando a ideia de que o conhecimento deve ser transmitido e utilizado para o desenvolvimento mútuo e não para a manutenção de vantagens individuais.

4.1.3 Fábula 3: O velho da fronteira perdeu seu cavalo

Era uma vez, um velho que morava perto da fronteira. Seu cavalo fugiu e escapou para a estepe. Os vizinhos foram consolá-lo, mas o velho disse: "Isso não é necessariamente algo ruim." Alguns meses depois, o cavalo voltou com vários cavalos fortes. Todos o parabenizaram. Mas então, seu filho quebrou a perna enquanto montava. Os vizinhos foram consolá-lo, mas o velho disse novamente: "Isso não é necessariamente algo ruim." Logo depois, uma guerra eclodiu. Muitos homens jovens foram recrutados. Apenas o filho do velho, por causa de sua perna quebrada, foi poupado. (XueZhongWen, 2026, sn).

Esta fábula apresenta a valorização da aprendizagem ao longo das gerações (2) na interação entre o velho e os demais membros da comunidade, já que sua conduta, em certa medida, é um modelo, um ensinamento e exemplo que promove reflexão para a construção de conhecimento coletivo. Também se identifica a valorização da construção das virtudes (3), mostrado nas passagens em que o velho não se deixa ser abatido frente às contrariedades, como quando seu cavalo fugiu e seu filho quebrou a perna.

A serenidade e a resiliência de permanecer tranquilo mesmo com incertezas são virtudes que trouxeram equilíbrio para a vida do personagem. Por fim, tem-se a característica de ter coibido os exageros (5), pois no momento em que o cavalo que

havia fugido retornou, ele não se deixou ser conduzido pela soberba quando seus vizinhos o enalteceram. De igual forma, ele não foi ao extremo do desespero quando os vizinhos o consolaram nas situações ruins, em ambas os cenários o velho agiu com moderação.

4.1.4 Fábula 4: Fábula chinesa da xícara cheia

Diz a fábula que o mestre e seu discípulo estavam caminhando. O mestre aproveitava a oportunidade e tentava passar alguns ensinamentos ao discípulo. Numa determinada etapa da conversa o discípulo estava encontrando dificuldades em assimilar o que o mestre estava tentando lhe passar. Então o mestre sugeriu que eles voltassem ao templo, pois ele queria tomar chá. Chegando ao templo o mestre solicitou ao discípulo que preparasse um bule de chá. O discípulo, prestativo, foi preparar o chá. Voltou com o chá pronto, no bule, e as xícaras. Imediatamente serviu o mestre... Para surpresa do discípulo, quando este estava para encher a sua própria xícara, o mestre solicitou que ele voltasse e colocasse mais chá na xícara do mestre. Ao que o discípulo arguiu: - "Mas a sua xícara já está cheia!" O mestre, impávido, confirma: - "Por favor, coloque mais chá em minha xícara!". Nova argumentação do discípulo, nova confirmação do mestre. O chá começa a transbordar para a bandeja, e o discípulo para... O mestre insiste em sua solicitação: Que quer que ele continue a colocar chá em sua xícara. O chá escorre pela bandeja e, desta, ao chão. O bule fica vazio. O mestre, então, indaga o discípulo: - "O que você aprendeu com isto?" O discípulo diz que nada, pois ele já sabia que o chá iria escorrer para a bandeja e para o chão. O mestre retruca: - "O ensinamento que isto nos traz é que para caber mais chá na xícara, a xícara precisa estar um pouco vazia. Em xícara cheia não cabe mais chá." E continuou: - "Assim também somos nós!" E complementou: - "Assim é a nossa cabeça. Quando achamos que sabemos tudo, quando temos muitas certezas, quando a nossa cabeça está totalmente cheia de verdades, então a nossa cabeça não tem espaço para mais nada, novos ensinamentos e percepções não conseguem chegar." Concluindo: - "É necessário ter permanentemente a nossa cabeça um pouco vazia para poder apreender as mudanças da realidade que nos cerca, sob o risco de nos divorciarmos da realidade." O discípulo começou a entender. O mestre seguiu: - "As nossas certezas vêm do que vivemos no passado. Mas o passado já passou, e o que acontece hoje não pode ser interpretado à luz do passado. Isso seria o mesmo que caminhar em uma noite escura, para frente, em um caminho desconhecido, com uma vela acesa às nossas costas, iluminado o caminho já percorrido. E finalizou: - "Relaxe e deixe sempre sua cabeça um pouco vazia para apreender o que o mundo lhe oferta de novidades e oportunidades." (Vaitsman, 2013, sn)

É possível identificar no texto a valorização da aprendizagem ao longo das gerações (2), apresentada na relação entre o mestre e o discípulo no decorrer de toda a história. No enredo, o discípulo reage de forma descrente das orientações do mestre com uma visão pontual e corriqueira sobre as situações. Neste caso, em relação ao que vai

acontecer se colocar mais chá em uma xícara quando esta já está cheia. O aprendiz apenas consegue enxergar o óbvio, ou seja, a certeza de que o líquido irá transbordar.

Logo, ele responde ao seu mestre que isso não lhe ensina nada, quando na verdade, depois de seu mestre continuar explicando, compreende a lição que estava por trás deste fato. O fato da xícara transbordar ensina que tudo que estiver cheio não permite que “mais chá ou novo chá entre”. De forma análoga, as pessoas que já estão cheias de certezas e não deixam lugar para novas aprendizagens não conseguem reter o que a vida proporciona a cada dia.

Este é um momento em que demonstra que o mestre está passando seus conhecimentos para seu aluno fazendo com que o conduza à reflexão profunda, porém seu discípulo expressa dificuldade em compreender. Para facilitar a compreensão, o mestre coloca na prática seus ensinamentos. Observa-se que tem dois papéis com valores diferentes presentes na fábula, o que indica a presença de hierarquia e papéis definidos (6), o mestre assume o papel de orientador, enquanto o discípulo é seu aprendiz.

Com o ensinamento do mestre sendo repassado para o seu discípulo, constata-se que a característica valorização da construção das virtudes (3) está bem evidente na metáfora da xícara cheia utilizada por ele para explicar que o excesso de certezas e opiniões já consolidados impedem aprendizagens novas, indicando que a sabedoria está associada à capacidade de manter-se aberto ao novo. Este aspecto relaciona-se diretamente com o elemento coibir os exageros (5), uma vez que a parábola critica o excesso, ou seja, não se deve “deixar transbordar e tampouco esvaziar por completo.”

4.1.5 Fábula 5: A vaquinha do precipício

Era uma vez, numa terra distante, um sábio chinês e seu discípulo. Certo dia, em suas andanças, avistaram ao longe um casebre. Ao se aproximarem, notaram que, a despeito da extrema pobreza do lugar, a casinha era habitada. Naquela área desolada, sem plantações nem árvores, viviam um homem, uma mulher, seus três filhos pequenos e uma vaquinha magra e cansada. Com fome e sede, o sábio e o discípulo pediram abrigo por algumas horas. Foram bem recebidos. A certa altura, enquanto se alimentava, o sábio perguntou: – Este é um lugar muito pobre, longe de tudo. Como vocês sobrevivem? – O senhor vê aquela vaca? Dela tiramos todo o nosso sustento – disse o chefe da família. – Ela nos dá leite, que bebemos e também transformamos em queijo e coalhada. Quando sobra, vamos à cidade e trocamos o leite e o queijo por outros alimentos. É assim que vivemos. O sábio agradeceu a hospitalidade e partiu. Nem bem fez a primeira curva da estrada, disse ao discípulo: – Volte lá, pegue a vaquinha, leve-a ao precipício ali em frente e atire-a lá pra baixo.

O discípulo não acreditou. – Não posso fazer isso, mestre! Como pode ser tão ingrato? A vaquinha é tudo o que eles têm. Se eu jogá-la no precipício, eles não terão como sobreviver. Sem a vaca, eles morrem! O sábio, como convém aos sábios chineses, apenas respirou fundo e repetiu a ordem: – Vá lá e empurre a vaca no precipício. Indignado porém resignado, o discípulo voltou ao casebre e, sorrateiramente, conduziu o animal até a beira do abismo e a empurrou. A vaca, previsivelmente, estatelou-se lá embaixo. Alguns anos se passaram e durante esse tempo o remorso nunca abandonou o discípulo. Num certo dia de primavera, moído pela culpa, abandonou o sábio e decidiu voltar àquele lugar. Queria ver o que tinha acontecido com a família, ajudá-la, pedir desculpas, reparar seu erro de alguma maneira. Ao fazer a curva da estrada, não acreditou no que seus olhos viram. No lugar do casebre desmazelado havia um sítio maravilhoso, com muitas árvores, piscina, carro importado na garagem, antena parabólica. Perto da churrasqueira, estavam três adolescentes robustos, comemorando com os pais a conquista do primeiro milhão de dólares. O coração do discípulo gelou. O que teria acontecido com a família? Decerto, vencidos pela fome, foram obrigados a vender o terreno e ir embora. Nesse momento, pensou o aprendiz, devem estar mendigando em alguma cidade. Aproximou-se, então, do caseiro e perguntou se ele sabia o paradeiro da família que havia morado lá há alguns anos. – Claro que sei. Você está olhando para ela – disse o caseiro, apontando as pessoas ao redor da churrasqueira. Incrédulo, o discípulo afastou o portão, deu alguns passos e, chegando perto da piscina, reconheceu o mesmo homem de antes, só que mais forte e altivo, a mulher mais feliz, as crianças, que haviam se tornado adolescentes saudáveis. Espantado, dirigiu-se ao homem e disse: – Mas o que aconteceu? Eu estive aqui com meu mestre uns anos atrás e este era um lugar miserável, não havia nada. O que o senhor fez para melhorar tanto de vida em tão pouco tempo? O homem olhou para o discípulo, sorriu e respondeu: – Nós tínhamos uma vaquinha, de onde tirávamos nosso sustento. Era tudo o que possuíamos, mas um dia ela caiu no precipício e morreu. Para sobreviver, tivemos que fazer outras coisas, desenvolver habilidades que nem sabíamos que tínhamos. E foi assim, buscando novas soluções, que hoje estamos muito melhor que antes. (Academia de Executivos, 2025, sn)

A parábola evidencia que a família apresentada, ao viver de forma isolada, não possuía referências acerca de outras possibilidades de subsistência ou de maneiras alternativas de produção que permitissem superar a realidade em que estavam vivendo. Eles viviam apenas com o mínimo necessário para sobreviver, dependiam de sua vaca. Esse fato vai ao encontro da Teoria Zhong Yong, uma vez que, ao viverem de forma isolada, limitavam suas relações sociais (1) e seus recursos, afinal trocas de conhecimentos, contato com novas perspectivas, poderiam trazer novas possibilidades.

Na história, a perda da vaca rompe com o comodismo da família e os obrigam a agir, desenvolver novas habilidades e buscar alternativas de sobrevivência, ou seja, apresentam construção das virtudes (3), como esforço e criatividade. Esforço de procurar novas soluções para sobreviver e criatividade, uma habilidade que antes não foi impulsionada pela família, já que limitavam seu olhar apenas para o animal. A situação de crise foi o impulso para que essa família saísse de uma realidade de miséria

para uma situação de abundância com recursos financeiros que proporcionaram melhoria de qualidade de vida.

Em relação à hierarquia, dos papéis definidos e da subordinação (6) é mostrado na relação entre o sábio e o discípulo. Embora inicialmente o discípulo discordasse da ordem recebida, ordem esta de empurrar a vaquinha do precipício, ele optou por obedecer ao mestre, reconhecendo nele uma sabedoria maior, ainda que, em um primeiro momento, a decisão do mestre parecesse equivocada. Este caso merece destaque, a dificuldade inicial do discípulo em compreender a decisão do sábio. Ainda assim, ele respeitou a hierarquia estabelecida e seguiu a orientação recebida. Posteriormente, compreendeu que a atitude do mestre, de uma certa forma, ajudou a família e resultou em um desfecho positivo.

Por fim, a decisão do sábio de matar o animal, mesmo ciente do impacto imediato que isso causaria à família, revela a busca pelo bem social coletivo (4), uma vez que aquela situação não interferisse diretamente em sua própria vida, o sábio poderia apenas ter seguido sua viagem sem refletir sobre as possibilidades de transformações das condições em que aquela família vivia.

4.1.6 Fábula 6: O velho louco que removeu as montanhas

Perto das montanhas Taihang e Wangwu, vivia um velho de noventa anos que todo mundo achava louco. Ele tinha uma ideia fixa, a de remover as montanhas da frente de sua aldeia e levá-las para outro lugar. Ninguém acreditou que ele fosse fazer isso. Certa noite todos foram dormir tranquilos. No dia seguinte, o velho louco acordou bem cedo e disse novamente que iria remover as duas montanhas, para abrir um caminho até Hanying, onde os agricultores iam vender seus produtos no mercado. Ele começou a encher um cesto com pedras e, pouco depois, passou perto de sua casa com a carga nas costas. Sua mulher perguntou: – Onde vai jogar a montanha? – No mar Bohai. Logo seu filho e seus três netos foram trabalhar com ele. Juntos quebravam as pedras, tiravam a terra, enchiam com ela os cestos e iam jogá-las no mar Bohai. Até o filho de sete anos da viúva, que nascera depois da morte do vizinho, veio ajudá-los. Eles trabalhavam de domingo a domingo, de primavera a primavera, voltando para casa apenas uma vez por ano. Mesmo algumas pessoas que não acreditavam que fosse possível tirar as montanhas do lugar se dispuseram a ajudar o velho louco. Primeiro sua mulher e seus outros filhos. Depois os vizinhos e os vizinhos de seus vizinhos. Mais tarde acharam, sim, que a montanha tinha de dar passagem até Hanying. Um sábio que vivia na curva do rio tentou dissuadi-lo daquela loucura. – Deixa de ser doido. Um homem velho e fraco como você, incapaz de carregar um saco de areia, vai remover duas montanhas para mudá-las de lugar? O velho deu um suspiro. Olhou para a montanha, olhou para o mar Bohai, lá longe, como se calculasse quanto tempo faltava para terminar o trabalho, e disse: – Se eu morrer, eu deixo o meu filho e o filho do meu filho, o filho do meu neto, o filho do filho do meu neto. Já as montanhas, não crescem mais

nem aumentam de tamanho. Por isso eu vou continuar meu trabalho. O sábio da curva do rio não soube o que responder (Capparelli; Schmaltz, 2012, p.6).

Na fábula observa-se que existe a presença de relações sociais harmoniosas (1), visto que não existem conflitos entre o velho e as pessoas que não acreditavam na sua ideia, mesmo tendo opiniões opostas, sua família e a comunidade decidiram lhe ajudar quebrando as pedras, tirando a terra e levando-as para jogar no mar Bohai.

Ademais, quando o velho foi dito como fraco por um sábio, ele não levou como uma ofensa e sim, respondeu com calma e com um olhar para o futuro, expressando continuidade das gerações, o que apresenta o próximo elemento relevante identificado na fábula, a valorização da aprendizagem ao longo das gerações (2). O velho responde o sábio que se ele morrer, deixaria o seu legado para suas próximas gerações, a nova geração continuaria seu trabalho. Essa perspectiva sugere que o conhecimento prático, neste caso, o esforço contínuo para transformar a realidade, é transmitido e acumulado, tornando um processo coletivo.

Dessa forma, nota-se uma ligação com outra característica a partir da perspectiva citada anteriormente, a defesa de relações complementares e não polares (7), visto que a comunidade não cria conflitos, como também não nasce uma rivalidade com o velho ao terem opiniões diferentes. As opiniões são opostas, porém se somam para realizar a busca pelo bem social coletivo (4), o objetivo do velho de remover as montanhas é para que todos pudessem passar para outro lugar e vender seus produtos, o que significa uma ideia de beneficiar não só ele, mas a comunidade.

4.2 FÁBULAS COM VALORES DA CULTURA OCIDENTAL

4.2.1 Fábula 1: A fábula das duas tribos

Havia duas tribos que viviam próximas uma da outra, em uma região árida e já esgotada. Durante muito tempo, sobreviveram com o pouco que a terra oferecia. Mas, aos poucos, a escassez foi se tornando absoluta. Os rios secaram. Os animais desapareceram. A fome passou a ser comum. No início, ainda havia alguma convivência silenciosa entre elas. Não eram amigas, mas também não eram inimigas. Cada uma cuidava da própria sobrevivência, evitando confronto direto. Até que a situação chegou ao limite. Crianças choravam sem força. Velhos já não se levantavam. Os adultos caminhavam lentamente, consumidos pela fraqueza. Cada uma cuidava da própria sobrevivência. Foi então que, quase ao mesmo tempo, exploradores das duas

tribos encontraram algo inesperado: um campo de batatas. Era real. Era suficiente para alimentar... mas não a todos. Logo perceberam: se dividissem, a quantidade seria insuficiente — todos morreriam. Se apenas uma tribo ficasse com tudo, essa sobreviveria. A notícia se espalhou rapidamente entre os dois grupos. E naquele instante nasceu o conflito — não por ódio, mas por necessidade. Por um breve momento, houve hesitação. Olhares cruzados. Uma dúvida silenciosa: dividir... ou lutar? Mas a lógica da sobrevivência falou mais alto. As tribos avançaram. A luta não teve estratégia sofisticada. Foi desordenada, brutal, instintiva. Homens lutavam com o que tinham. Mulheres protegiam os seus. A fome dava força — e também desespero. Não houve heroísmo. Não houve glória. Apenas a necessidade de viver. Depois de algum tempo, o combate terminou. Uma tribo permaneceu de pé. A outra... caiu. Os sobreviventes, exaustos, feridos, com os corpos ainda marcados pela luta, caminharam até o campo. Não comemoraram. Não celebraram. Apenas comeram. Comeram como quem agarra a vida pela última vez. E, ao fazer isso, garantiram a própria sobrevivência. A conclusão veio depois, quase como justificativa: Se não lutássemos, morreríamos todos. Lutamos... e sobrevivemos. Logo — ao vencedor, as batatas. (Assis, 1891- adaptado)

Ao analisar a fábula considerando as características da Teoria Zhong Yong, é possível identificar diversos elementos que se contrapõem aos princípios da teoria. Um dos primeiros aspectos refere-se à emergência do conflito diante da escassez, no qual as possibilidades apresentadas se restringem a dois extremos: dividir os recursos, resultando na morte de todos ou lutar pela sobrevivência de apenas um grupo. Nesse contexto não se tem a busca por um ponto de equilíbrio ou por uma alternativa, como tentar descobrir de que forma conseguir cultivar mais batatas no campo encontrado que beneficie os dois grupos ao longo prazo, mas sim, a predominância de uma ideia excludente.

Além disso, observa-se a ausência da valorização das relações sociais harmoniosas, uma vez que a interação entre as tribos, inicialmente marcada por uma convivência pacífica, ainda que distante, cada um cuidava da própria sobrevivência, é rapidamente substituída por um confronto. A decisão pelo embate evidencia a priorização da sobrevivência individual ou grupal em detrimento do bem social coletivo, o que contraria diretamente a característica acima citada da Teoria Zhong Yong.

Outro ponto relevante diz respeito à falta de uma figura de sabedoria ou liderança. Nas fábulas com valores orientais, notou-se a presença de uma hierarquia e papéis definidos, como uma imagem de mestre ou sábios que conduzia e orientava caminhos para se desenvolver virtudes. Entretanto, na presente fábula não é apresentado este papel de sabedoria e não se encontra uma virtude, as ações ocorrem a partir do instinto de sobrevivência para justificar suas atitudes, tais atitudes que negam a construção conjunta. Por fim, compreende-se que a fábula revela uma perspectiva que

privilegia a competição, pois a ideia de que “ao vencedor, as batatas” demonstra a lógica que precisa se ter um vencedor e um perdedor, não existe um equilíbrio.

4.2.2 Fábula 2: A Raposa e as Uvas

Certa ocasião, uma raposa se encontrava morta de fome, pois estava sem comer há dias. Andava por um pomar quando avistou um belo cacho de uvas. As uvas negras estavam muito viçosas, maduras e prontas para serem apreciadas. Percebendo que “e que o caminho estava livre, aprontou-se para colher aqueles frutos. Não poupou esforços ao tentar pegá-las, empregou todos os seus conhecimentos e habilidades. Ainda que estivessem fora de seu alcance, não cessou as tentativas. Depois de tantas investidas fracassadas, além de faminta, agora ela estava exausta e desapontada. Sendo assim, suspirando, deu de ombros, finalmente dando-se por vencida. Deu meia volta e foi embora. Desolada por conta das tentativas mal sucedidas, a raposa tentou consolar a si mesma dizendo “Na verdade, olhando com mais atenção, consigo perceber que todas as uvas estão estragadas, e não maduras, como elas aparentavam quando as vi pela primeira vez.” (Rocha, 2012, p. 68)

Nesta fábula, observa-se a predominância de uma ideia centrada no indivíduo, uma vez que a presente narrativa se constrói a partir de uma ação isolada, voltada somente à satisfação de uma necessidade pessoal, a necessidade de saciar a fome da raposa. Diferentemente da perspectiva da Teoria do Caminho do Meio, que valoriza virtudes como o equilíbrio nas relações e o bem coletivo, a fábula enfatiza uma conduta individualizada, sem qualquer referência à cooperação ou à construção conjunta. Ademais, a narrativa apresenta situação marcada por extremos, como a condição inicial da personagem raposa, descrita como faminta há dias, e a insistência exaustiva em alcançar as uvas.

O próximo aspecto refere-se à forma como a raposa lida com o fracasso. Ao não conseguir atingir seu objetivo, ela recorre a um pensamento que distorce a realidade, afirmando que as uvas estavam estragadas. Essa atitude revela um obstáculo em reconhecer os próprios limites e de avaliar a situação de maneira equilibrada. Assim, ela assume uma postura de autoengano, na qual o sujeito altera sua percepção da realidade para amenizar sua frustração, em vez de refletir sobre suas atitudes, ações e possibilidades e, assim, amadurecer e desenvolver virtudes. Conforme visto nas parábolas de perspectiva oriental, em momento de crise, os personagens superaram seus limites e tornaram-se seres humanos mais experientes e habilidosos. Já nesta fábula a

superação de uma dificuldade ocorre culpabilizando o meio externo ou negando a realidade.

Nesse sentido, como narrativas alegóricas retratam recortes da vida social, neste caso, é possível perceber como a dificuldade em reconhecer os próprios erros reflete o modo que a sociedade opera.

4.2.3 Fábula 3: Fábula a cigarra e a formiga

Num dia de quente de verão, uma alegre cigarra estava a cantar e a tocar o seu violão, com todo o entusiasmo. Ela viu uma formiga a passar, concentrada na sua grande labuta diária que consistia em guardar comida para o inverno. “Dona Formiga, venha e cante comigo, em vez de trabalhar tão arduamente.”, desafiou a cigarra “Vamo-nos divertir.” “Tenho de guardar comida para o Inverno”, respondeu a formiga, sem parar, “e aconselho-a a fazer o mesmo.” “Não se preocupe com o inverno, está ainda muito longe.”, disse a outra, despreocupada. “Como vê, comida não falta.” Mas a formiga não quis ouvir e continuou a sua labuta. Os meses passaram e o tempo arrefeceu cada vez mais, até que toda a Natureza em redor ficou coberta com um espesso manto branco de neve. Chegou o inverno. A cigarra, esfomeada e enregelada, foi a casa da formiga e implorou humildemente por algo para comer. “Se você tivesse ouvido o meu conselho no Verão, não estaria agora tão desesperada.”, ralhou a formiga. “Preferiu cantar e tocar violão?! Pois agora dance!” E dizendo isto, fechou a porta, deixando a cigarra entregue à sua sorte. (La Fontaine, 1992)

Um dos aspectos mais evidentes na fábula, que se afasta da Teoria do Caminho do Meio, é a valorização do trabalho duro e da acumulação de recursos como única forma de garantir a sobrevivência. Nesse sentido, a narrativa transmite a ideia de que quem não se prepara adequadamente para o futuro tende ao “fracasso”, reforçando uma visão meritocrática em que cada indivíduo colhe apenas aquilo que plantou. Além disso, a narrativa apresenta que o futuro é imprevisível, ponto que impede que o presente seja vivido de maneira leve. A diversão, representada pela cigarra, é tratada como uma atividade negativa e improdutiva. Já a formiga está ligada ao trabalho, esforço ou planejamento, é um exemplo de modo de vida. Dessa forma, estabelece a sobrevivência como resultado direto do esforço individual e da produtividade, desconsiderando a possibilidade de conciliação entre responsabilidade e lazer.

Outra parte relevante é a ausência de solidariedade entre as personagens. Mesmo diante do sofrimento da cigarra no inverno, a formiga recusa qualquer forma de ajuda. Isso reforça uma lógica individualista em que cada um é responsável apenas por si

mesmo. Ou seja, vence aquele que acumulou recursos para passar o inverno, aspecto que vai de encontro a Teoria Zhong Yong. Ademais, observa-se que não há, ao longo da narrativa, um processo de desenvolvimento mútuo de virtudes, por exemplo aprender com o próximo. A cigarra não aprende com a formiga a importância da responsabilidade e da preparação, enquanto a formiga também não desenvolve valores como empatia e apreciação pelo lazer ou diversão. Portanto, a história reforça uma visão individualista e competitiva, na qual não há a busca pelo bem comum. Somado a isso, há uma crítica indireta ao descanso e ao lazer.

4.3 SÍNTESE DOS RESULTADOS

A fim de apresentar de forma sintética os resultados da análise, o Quadro 2 relaciona as características da Teoria Zhong Yong identificadas nas narrativas alegóricas da perspectiva oriental, indicando sua presença ou ausência em cada uma delas. Em seguida é abordado os resultados verificados nas ocidentais.

Quadro 2: Elementos da Teoria Zhong Yong

Elementos/Características	Fábula 1	Fábula 2	Fábula 3	Fábula 4	Fábula 5	Fábula 6
(1) Relações sociais harmoniosas.	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
(2) Valorização da aprendizagem ao longo das gerações.	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
(3) Valorização da construção das virtudes.	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO
(4) Busca pelo bem social coletivo.	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM
(5) Coibir os exageros.	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO

(6) Hierarquia/papéis definidos e subordinação.	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO
(7) Defesa de relações complementares e não polares.	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Ao realizar a leitura do Quadro 2, observa-se que entre os elementos mais recorrentes, destaca-se a valorização da construção das virtudes (3), presente em cinco das seis fábulas. Esse resultado indica que as narrativas de valores orientais compreendem o desenvolvimento humano como uma construção contínua a partir das situações vividas. Em diferentes contextos das narrativas apresentadas, os personagens aprendem por meio dos ensinamentos transmitidos pelos seus mestres ou das experiências decorrentes das dificuldades enfrentadas, transformando esses aprendizados em virtudes que orientam suas ações e promovem mudanças na sua conduta.

Por sua vez, a aprendizagem ao longo das gerações (2) e a busca pelo bem social coletivo (4) aparecem em quatro das seis fábulas. Comportamentos como paciência, autocontrole, humildade, sabedoria, valorização de atitudes voltados ao benefício da comunidade e perseverança aparecem como qualidades desenvolvidas pelos personagens ao longo de suas trajetórias.

As características coibir os exageros (5) e a hierarquia/papéis definidos e da subordinação (6) foi identificada em metade das fábulas analisadas. Nessas narrativas, observou a valorização da moderação frente às experiências desafiadoras, de modo que os personagens são levados a analisar as circunstâncias que estão rodeados e agir com prudência e equilíbrio. Assim, evitando a adoção de comportamentos extremos, buscando um caminho para a tomada de decisões mais conscientes. Com também é muito valorizado o respeito da hierarquia/papéis definidos e subordinação, encontrado nos personagens mestre e aprendiz.

Já as relações sociais harmoniosas (1) e a defesa de relações complementares e não polares (7) foram as menos frequentes, aparecendo em apenas duas histórias. Embora o princípio da valorização do equilíbrio nas interações humanas, da convivência

respeitosa, e respeito às opiniões diferentes sejam fundamentais na Teoria Zhong Yong, nem todas as narrativas abordam esses elementos de forma explícita.

É importante destacar que nenhuma dessas sete características existem de forma totalmente “pura”. Para analisar os fenômenos sociais esta pesquisa utilizou o conceito de Weber (Schutz; Júnior, 2018) quando o autor aborda os “tipos puros” (ou tipos ideais), que funcionam como modelos de referência para comparação. Isso ocorre porque, na realidade, nenhum fenômeno apresenta apenas uma característica exclusiva, sendo comum a combinação de diferentes elementos em uma mesma situação (Schutz e Júnior, 2018).

Também é fundamental enfatizar o quanto a relação entre mestre e discípulo, esteve presente nas narrativas alegóricas orientais analisadas. A própria fábula 2, “O velho lenhador”, por exemplo, demonstra como o envelhecimento não é uma condição humana de perda ou fraqueza, muito pelo contrário, a experiência e a sabedoria adquirida com o passar dos anos foi o diferencial que trouxe um melhor resultado em uma tarefa cotidiana. Ainda é válido atentar para o que Almeida (2023) havia mencionado em relação a sabedoria entre gerações ser transmitida pelo exemplo, afinal, foi o comportamento do “velho” que no primeiro momento trouxe a sabedoria para os mais jovens. Posteriormente, o velho explica e orienta os seus atos realizados na competição.

Além desta parábola, as demais narrativas que refletem a cultura oriental também refletiram o já mencionado por Zheng (2022) quando a sabedoria é um valor que orienta a conduta humana em qualquer situação e por meio dela princípios éticos são transmitidos por gerações geralmente quando os mais velhos e, por isso experientes, conduzem suas ações como exemplos para aqueles que são mais jovens e com isso menos experientes.

Diferentemente da perspectiva oriental, onde as histórias analisadas mostraram o ser humano como um ser com potencial para se desenvolver, para aprimorar suas habilidades, na perspectiva ocidental investigada, identificou um “homem” exposto a partir de seus defeitos, suas fragilidades e sendo corrompido quando, em momentos de dificuldade, ele é conduzido por seu instinto mais primitivo e irracional da sobrevivência. Em outras palavras, enquanto a dificuldade, na perspectiva oriental é um meio de desenvolver virtudes, nas narrativas típicas ocidentais, mostra-se um “homem” que é vencido pela fraqueza.

Nestas fábulas abordadas que refletem os valores comumente defendidos nas sociedades ocidentais, percebe-se que a busca pela sobrevivência é comum em todas elas, pois apresentam expressões, encontradas nas narrativas, como “escassez de comida”, “morta de fome” e “esfomeada” indicando necessidade de lutar, rivalizar e competir para poder sobreviver. Também é comum o individualismo, no caso das expressões “cada uma cuidava da própria sobrevivência”, “estava sozinha”, “consolar a si mesma” e “fechou a porta”.

Por exemplo, a narrativa alegórica das “Duas tribos” que faz parte do romance “Quincas Borba”, de Machado de Assis (Assis, 1891). No contexto da obra, a narrativa está associada à filosofia do “Humanitismo” cuja crítica irônica diz respeito ao darwinismo social. A saber, o darwinismo social se desenvolveu principalmente em países que passavam pela industrialização (Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido), em meados do século XIX e foi utilizada como forma de justificar desigualdades, hierarquias e preconceitos (Bolsanello, 1996).

Conforme já explicado por Bolsanello (1996), a premissa central da teoria é que a sociedade funciona como uma “luta pela existência”, onde os “mais aptos”, frequentemente interpretados como os mais ricos, sobrevivem e prosperam, enquanto os menos adaptados perecem. Deste modo, ela reflete valores capitalistas que se fizeram presentes nas culturas ocidentais.

Por fim, ao se considerar o contexto educacional, é possível verificar que as fábulas analisadas servem como um recurso pedagógico importante e facilitador no ensino-aprendizagem, dado que essas narrativas apresentam ensinamentos relacionados à realidade cotidiana dos(as) alunos(as). Conforme trazido por Menon e Corte (2013), o seu uso em sala de aula possibilita que os(as) leitores(as) promovam o desenvolvimento pessoal e social, ajudando nos processos de interação e construção do conhecimento. Ou seja, as narrativas alegóricas podem atuar como um material potente para o desenvolvimento do leitor crítico, da educação moral e diálogo entre culturas. Além disso, trabalhar a análise crítica desses materiais pode favorecer debates sobre empatia, solidariedade e cooperação, contribuindo para uma formação reflexiva e consciente dos(as) estudantes.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou atender ao objetivo geral de descrever como a Teoria Zhong Yong, enquanto filosofia que reflete os valores orientais, é apresentada em narrativas alegóricas da literatura brasileira. A teoria referida foi revelada a partir da identificação das características que a integram, são elas: relações sociais harmoniosas; valorização da aprendizagem ao longo das gerações; valorização da construção das virtudes; busca pelo bem social coletivo; coibição dos exageros; hierarquia/papéis definidos e subordinação; defesa de relações complementares e não polares. Tais características foram expostas de forma direta ou indireta, com uma maior ou menor frequência, mas igualmente presente em todas as narrativas alegóricas associadas ao pensamento oriental.

Observou ao longo das explorações que as características citadas são manifestadas nas histórias analisadas por meio de valores, atitudes, ações dos personagens, nas soluções propostas para os conflitos, nos conhecimentos e aprendizagens deixada por cada personagem. Esses personagens e as situações encaradas por eles, podem servir de exemplo tanto para os(as) estudantes quanto para os(as) próprios(as) educadores(as), uma vez que ao aplicar a Teoria Zhong Yong em suas práticas docentes do dia a dia, dentro da sala de aula ou fora dela, poderá beneficiar para um ambiente acolhedor. As características como a valorização das relações harmoniosas e a busca pelo bem social coletivo são sabedorias que podem favorecer no clima escolar, ajudando na resolução de conflitos entre alunos e compreendendo a coibição dos exageros é se tornar um “sábio Shun”, aquela pessoa que tem uma escuta ativa, que ouve a todos sem deixar de ser levado pelos extremos, escolhendo o melhor caminho do meio como solução.

Além disso, ao comparar as narrativas alegóricas da literatura brasileira com valores associadas às culturas orientais e ocidentais, foi possível identificar diferenças consideráveis entre elas. Enquanto as narrativas relacionadas à tradição oriental evidenciaram ensinamentos voltados à cooperação, harmonia, sabedoria, virtudes, aprendizado entre gerações e preocupação coletiva, aquelas associadas à tradição ocidental apresentaram maior ênfase na lógica do vencedor e perdedor, no individualismo, na ausência de cooperação, na competição por recursos e na atribuição dos resultados ao mérito ou fracasso individual.

Entretanto, em relação à análise das diferenças, é importante apontar como um possível viés deste estudo o fato dele ter priorizado aspectos positivos da cultura oriental a partir da Teoria Zhong Yong e aspectos negativos da cultura ocidental quando aborda, por exemplo, a corrente filosófica do darwinismo social que, de certo modo, pode ter “distorcido” este conceito para utilizá-lo como uma justificativa para disseminar as desigualdades sociais. Além disso, determinadas narrativas selecionadas enfatizam diferentes concepções de mundo, cada uma situada em contextos históricos, filosóficos e culturais específicos.

Para as futuras pesquisas, sugere-se continuar realizando investigações sobre narrativas alegóricas que tragam outras culturas, pois como apresentado pelo levantamento de dados, são poucos os estudos dessa natureza, podendo ser mais exploradas. Além disso, também é importante analisar a aplicabilidade desses modelos de material na prática, por meio da realização de entrevistas com docentes que tenham aplicado narrativas alegóricas que refletem outras culturas em sala de aula, de modo a identificar como estes percebem que os(as) alunos(as) receberam os ensinamentos transmitidos nas narrativas, como foram os debates após a identificação desses ensinamentos e se houve ou não mudanças a partir delas.

Em suma, o principal intuito do estudo foi trazer à luz, por meio da Teoria Zhong Yong, a existência de fábulas e parábolas com outros valores culturais, em especial a cultura oriental. A BNCC (Brasil, 2018) menciona sobre utilizar tais narrativas para serem trabalhadas no espaço escolar, mas não há orientação específica sobre quais práticas ou estratégias pedagógicas poderiam efetivar esses trabalhos. Assim, é compreendido como papel do(a) educador(a), na sua interpretação, abordá-las de forma que tragam diferentes valores culturais para estudar as diversidades culturais como elemento da sociedade brasileira. Esses gêneros textuais têm caráter dinâmico que atraem a atenção dos(as) discentes e servindo como excelentes ferramentas de ensino que contribuem no processo de construção do pensamento crítico, leitor(a) crítico(a), no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. As narrativas alegóricas mostraram de forma mais objetiva essa educação de valores culturais, tanto os morais como também os éticos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. Gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1999.

ACADEMIA DE EXECUTIVOS – ESCOLA DE GESTÃO DE NEGÓCIOS. **A vaquinha no precipício**. 15 mar. 2020. Disponível em: <https://academiadeexecutivos.com/blog/vaquinha-no-precipicio/>. Acesso em: 21 maio 2026.

ALMEIDA, Gabriel Guarino Sant’Anna Lima de. **Ressonâncias de uma arte do punho: uma etnografia da aprendizagem de Chen Shi Taijiquan na diáspora chinesa da cidade de São Paulo (Brasil)**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. A natureza entre Oriente e Ocidente: uma leitura de *Grande sertão: veredas* e as perspectivas filosófico-culturais. **Revista Rios**, Paulo Afonso, v. 7, n. 7, p. 7-16, dez. 2013. Disponível em: http://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2013/7/a_natureza_entre_oriente_e_ocidente.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.

ARANTES, Marilza Borges. **A argumentação nos gêneros fábula, parábola e apólogo**. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/DISSERT_marilza_borges_arantes.pdf. Acesso em: 4 jan. 2026.

ARCANJO, Tainá Mattos. **O valor educativo e cultural das fábulas**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Campinas, 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1627569>. Acesso em: 16 fev. 2026.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1891. Disponível em: https://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_o_bra=2118. Acesso em: 21 maio 2026.

AZEVEDO, Giseli Alessandra Souza Almeida. **As fábulas e o trabalho com oralidade e letramento em sala de aula: uma proposta didática a partir da obra de Sérgio Capparelli**. 2025. 111 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2025.

BARBOSA, Pedro. O pensamento chinês e a teoria de Relações Internacionais: uma Escola Chinesa de RI? **Carta Internacional**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e1156, 2021. DOI: 10.21530/ci.v16n2.2021.1156. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1156>. Acesso em: 14 abr. 2026.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar em Revista**, [S. l.], n. 12, p. 153-165, 1996. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36031>. Acesso em: 17 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 06 fev. 2026.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

CAPPARELLI, Sérgio; SCHMALTZ, Márcia (org.). **Fábulas chinesas**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

CHEN, Qianxu. **Análise comparativa da figura do dragão no imaginário ocidental e chinês**. 2021. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) – Universidade do Minho, Braga, 2021. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/entities/publication/9427f867-d8a9-413a-8101-13a1942fd6d9>. Acesso em: 10 fev. 2026.

COELHO, Fernando Mendes. Neoliberalismo e darwinismo social: reflexões a partir da pandemia de covid-19 no Brasil. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 613-639, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/36828>. Acesso em: 17 fev. 2026.

CORRÊA, Camila de Godoi; LEITE-MOR, Ana Cláudia Moraes Barros. Contribuições das concepções ético-filosóficas de Confúcio para o desenvolvimento ético do naturólogo. **Saúde, Ética & Justiça**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 57-69, 2021. DOI: 10.11606/issn.2317-2770.v26i2p57-69. Disponível em: <https://revistas.usp.br/sej/article/view/181267>. Acesso em: 9 abr. 2026.

COSCIANI, Fernando José. O Darwinismo Social na Geografia Humana do início do século XX: o caso da obra “Influences of Geographic Environment” de Ellen Semple. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 22, n. 2, p. 349–365, 2018. DOI: [10.11606/issn.2179-0892.geousp.2018.140469](https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2018.140469). Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/140469>. Acesso em: 9 abr. 2026.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOLZ, Joaquim; LIMA, Gilberto; ZANI, Juliana B. Itinerário para o ensino do gênero fábula: a formação de professores em um minicurso. **Textura**, Canoas, v. 22, n. 52, p. 250-274, 2020.

FARIA, Alexsandra Vieira de. **A importância do ensino do gênero fábula para alunos do 3º ano**: uma proposta com a obra Fábulas de Monteiro Lobato. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto Federal Goiano, Iporá, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/4390>. Acesso em: 7 mar. 2026.

FILHO, Antonio Euzébios Filho; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 35-44, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1989.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em:

https://www.apoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_edu%20e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf. Acesso em: 9 jul. 2026.

JYE, Chen Tsung; MENEZES JR, Antonio José Bezerra de. Guarda-se de falar: prudência e linguagem em Confúcio. **Língua e Literatura**, São Paulo, Brasil, n. 27, p. 199–208, 2003. DOI: [10.11606/issn.2594-5963.lilit.2003.105456](https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.2003.105456). Disponível em: <https://revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/105456>. Acesso em: 18 jun. 2026.

KRIZANOVSKI, Danielle; ALTMAN, Fabiana Kac. **Metáforas terapêuticas**: um guia completo para seus atendimentos. Porto Alegre: S2C; Secco Editora, 2023.

LA FONTAINE, Jean de. A cigarra e a formiga. In: LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1992. p. 1-5. Disponível em: <https://biblioteca.torres.rs.gov.br/wp-content/uploads/2021/11/la-fontaine-jean-de-a-cigarra-e-a-formiga.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2026.

LIMA, Ari. **A parábola do velho lenhador**. Administradores.com, 24 jul. 2007. Disponível em: <https://www.administradores.com.br/artigos/a-parabola-do-velho-lenhador>. Acesso em: 19 maio 2026.

LIMA, Francinaldo de Souza; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. A personagem formiga em fábulas de La Fontaine: uma abordagem em aulas de francês como língua estrangeira. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2012. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1892>. Acesso em: 8 fev. 2026.

LEAL, Luciana Ferreira; SILVA, Claudio Rodrigues da; MORAES, Agnes Iara Domingos Para que serve a literatura? Notas sobre o ensino da literatura literária em contextos escolares a partir do filme *El suplente* (2022). **Art&Sensorium**, v. 11, p. 1-15, 2024.

MANDEL, Nathália Ferreira; MIRANDA, Claudia Celencina Carvalho de. O gênero discursivo fábula no processo de alfabetização: experiências no PIBID de Pedagogia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 5, ed. 2, v. 4, p. 125-142, 2020. Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/genero-discursivo-fabula>.

Acesso em: 18 maio 2026.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. As fábulas e a noção de poder: um estudo discursivo do gênero fabular clássico. **Revista Memento**, Três Corações, v. 3, n. 2, p. 12-25, 2012.

MOREIRA, Gilson Moreira. O pensamento de Weber sobre o trabalho na ética protestante e o espírito do capitalismo. **Reflexus – Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória, v. 2, n. 2, p. 87-104, 2008. Disponível em: https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/pt_BR/article/view/103. Acesso em: 16 fev. 2026.

NAGAE, Catia Yumi. **Amostragem intencional**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estatística) – Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45133/tde-06122007-205037/publico/Catia.pdf>.

Acesso em: 18 maio 2026.

NASCIMENTO, Lucas Gualberto do. Sistema mundial com características chinesas: o Tianxia, o Zhongyong e o Realismo Moral como ordem internacional. **Conjuntura Austral**, [S. l.], v. 14, n. 65, p. 75-86, 2023. DOI: 10.22456/2178-8839.129513. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/129513>.

Acesso em: 9 abr. 2026.

SANTOS, Jacqueline Costa Quinta; OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de. **Sequência didática: estratégias de compreensão leitora para o ensino de fábulas**. Vitória: ES Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. Disponível em: <https://dialogocom.com.br/2022/12/21/sequencia-didatica-estrategias-de-comprensao-leitora-para-o-ensino-de-fabulas/>. Acesso em: 18 maio 2026.

OLIVEIRA, Monique Pucci de; NAMBA, Tatiana Sayone. A influência das fábulas na construção dos valores morais da criança. In: **CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (CONIC-SEMESP)**, 14., 2014, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: SEMESP, 2014. Disponível em: <https://conic-semesp.org.br/anais/files/2014/trabalho-1000016715.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2026.

PAIVA, Rejane Fernández Loureiro de. Interseções: o darwinismo social em Rubens Figueiredo e o humanismo machadiano. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, Belo Horizonte, n. 36, p. 93-105, 2020. DOI: 10.5752/P.2358-3231.2020n36p93-105. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2026.

PINTO, Suely Lima de Assis. A cultura e as diferentes concepções apreendidas nas determinações históricas. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 3, n. 1, 2008. DOI: 10.5216/rir.v1i3.208. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20411>. Acesso em: 1 abr. 2026.

PLÁCIDO, Leila. **Apenas uma canoa nas noites de verão**. Manaus: Edição do Autor, 2022. Disponível em: <https://livrosabertos.fae.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Apenas-uma-canoa-nas-noites-de-verao-PDF.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2026.

PLÁCIDO, Leila. Fábula infantil amazonense entra para acervos nacionais de universidade e instituição sem fins lucrativos. **Cultura do Amazonas**, Manaus, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://cultura.am.gov.br/fabula-infantil-amazonense-entra-para-acervos-nacionais-de-universidade-e-instituicao-sem-fins-lucrativos/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

ROCHA, Justiniano José da. **Fábulas**: imitadas de Esopo e La Fontaine. Ridendo Castigat Mores, 2012. E-book. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/fabulas.pdf>. Acesso em: 21 maio 2026.

PRIMI, Ricardo; ALVES, Gisele; CRISPIM, Ana Carla; MARTINS Gustavo Henrique; VALENTINI, Felipe; FILHO, Nelson Hauck; PERES, Alexandre; AMBIEL; Rodolfo, Castilho, Priscila C. de. Uma proposta de avaliação das competências gerais da BNCC na Educação Básica. **Estudos Avançados**, v. 39, n. 115, p. e39115067, 2025.

SANTANA, Rônia Gerlânia de Souza. **A fábula como instrumento para iniciação à literatura no ensino fundamental anos finais**. 2016. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14777/1/2016_RoniaGerlaniadeSouzaSantana_tcc.pdf. Acesso em: 29 maio 2026.

SANTOS, Almir Paulo dos; DÄUN, Vanessa Raquel Corrêa. João Calvino e a Reforma do século XVI: educação para os pobres. **Protestantismo em Revista**, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 15-32, 2016. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/PR/article/view/4020>. Acesso em: 19 fev. 2026.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; JÚNIOR, Edinaldo Enoque da Silva. O tipo ideal weberiano: presença e representação em obras de Zygmunt Bauman. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano XVIII, n. 210, p. 140-150, nov. 2018

SILVA, Ricardo Fernandes da; PIGNATA, Maria Izabel Barnez . CHARLES DARWIN E A TEORIA DA EVOLUÇÃO. 2014. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SOUTO, Carine Gabriela Duarte; SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento. **O reflexo das fábulas de Monteiro Lobato na prática pedagógica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6552>. Acesso em: 27 maio 2026.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. LITERATURA NEGRA E DIFERENÇA CULTURAL. **Trama, Marechal Cândido Rondon**, v. 12, n. 25, p. 133–156, 2016. DOI: 10.48075/rt.v12i25.13757. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/13757>. Acesso em: 22 abr. 2026.

SOUZA, Sawana Araújo Lopes de; BELTRAME, Kátia dos Santos. A importância da literatura: explorando seus papéis na sociedade contemporânea. **Revista Geadel**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 11-25, 2024. DOI: 10.29327/2528766.5.2-2. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/GEADEL/article/view/7927>. Acesso em: 5 abr. 2026.

SUH, Jungho. The Confucian doctrine of the Mean, the optimality principle, and social harmony. **Society and Economy**, Budapest, v. 42, n. 1, p. 59-73, 2020. DOI: 10.1556/204.2020.00004. Acesso em: 14 abr. 2026.

TEIXEIRA, Bárbara Portilho. **Histórias contadas nas entrelinhas: ética e moral nas fábulas de La Fontaine e nos contos de fadas de Charles Perrault e a relação com a educação e a infância**. 2023. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/39321/1/HistoriasContadasEntrelinhas.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

VAITSMAN, Marcio Santiago. Fábula da xícara cheia – DDS de reflexão. **Conselho e Segurança do Trabalho**, 1 out. 2013. Disponível em: <https://conselhoeseguranca.blogspot.com/2013/10/fabula-da-xicara-cheia-dds-de-reflexao.html>. Acesso em: 21 maio 2026.

VITÓRIA, José Ricardo; EMMENDOERFER, Magnus Luiz. O que é cultura? Reflexões para uma sociedade (pós-)pandêmica. **Revista USP**, São Paulo, n. 140, p. 145-156, 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2024/03/10-textos-Magnus-Luiz.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2026.

WANG, Wei. O direito civil chinês: entre a tradição e a modernidade. **Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Macau**, Macau, 2020. Disponível em: https://umlibrary.primo.exlibrisgroup.com/permalink/853UOM_INST/1in1dok/alma991005243679706306. Acesso em: 16 abr. 2026.

XUE ZHONGWEN. **O velho da fronteira perdeu seu cavalo**. Disponível em: <https://www.ourchinastory.com>. Acesso em: 21 maio 2026.

ZHANG, Jing; PING, Xianjie; CHEN, Wei; DONG, Da. Beyond substantiality and illusion: the problem of the self in Buddhist constructivism. **Humanities and Social Sciences Communications**, [S. l.], v. 11, p. 312, 2024. DOI: 10.1057/s41599-024-02746-7. Acesso em: 10 abr. 2026.

ZHENG, Tao. A tradução dos aspectos da cultura chinesa para o leitor brasileiro: as inspirações do *Zhongyong*. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 25, n. 1, p. 238-250, 2022.

ANEXO

ANEXO A – Prefácio da fábula “Apenas uma canoa nas noites de verão”

A maioria das pessoas sai à procura de grandes milagres em templos gigantes, mas ignoram que a magia da vida acontece ao nosso redor, a todo momento. Quem de nós nunca fez a experiência do caroço de feijão, plantado em um potinho cheio de terra ou algodão? Para mim, aquele foi o primeiro milagre que testemunhei e do qual fiz parte: vi uma sementinha tão comum no meu dia a dia, magicamente, se transformar, ganhando um caule em um dos lados, e várias raízes do outro. Depois, o caroço ficou oco e se desprende, vejam só! Dando vez a um broto forte, de um verde muito vivo. Foi meu primeiro contato com o grande poder que a natureza exerce em nossa vida, mesmo em um mundo cercado de cimento e concreto. “Apenas uma canoa nas noites de verão” me lembrou dessa magia simples e poderosa que as forças da natureza são capazes de operar. Dessa vez, não vi isso na área de serviço de casa, cuidando do meu pé de feijão, mas a leitura me levou aos beiradões do misterioso rio Negro, e ao fundo da mata, reino da Sumaúma, senhora das árvores, que conhece o segredo das criaturas encantadas da floresta. Quem conhece os caminhos do beiradão sabe que ele é cheio de gente sábia, gente que viu coisas estranhas quando a mata estava quieta e nenhum peixe mordida a isca do pescador. Se essa gente já sabe tanto, imagina uma árvore jovem, transformada em canoa pela mão humana? Canoa é uma protagonista única, e também muito inesperada: quem além de Leila Plácido pensaria em algo tão absurdo, e ainda assim, tão encantador? Jan Santos, mestre em Literatura e autor de “O livro do rio: Iguaraguá” Quem, além de Leila Plácido, conseguiria nos mostrar a magia das coisas simples dando voz e vida ao principal instrumento da vida ribeirinha? Em Canoa, vemos a união da natureza com o trabalho humano, e suas histórias ligam nosso mundo ao outro, um mais misterioso e cheio de segredos que até os animais desconhecem. Por isso Canoa é tão amada por eles e por nós, que vemos em seus contos a possibilidade de vivermos uma vez mais em harmonia com a natureza, e não apenas destruindo-a em nome de nossa sobrevivência.